

# A Glorificação da Virgem Imaculada, Mãe de Deus e nossa Mãe.

## Introdução

Gl.: Analepsis tes Theotokou, Metastasis. Lat.: Assumptio corporis Sanctae Mariae. It.: L'Assunzione della Madonna, L'Assunta. Fr.: L'Assomption. Ingl.: The Assumption of the Virgin. Al.: Maria Himmelfahrt, Die Seelenaufnahme, Die leibliche Aufnahme Mariä in den Himmel. Hol.: Hemelvaart van Maria, De ten-Hemet Opneming van Maria. Rus.: Vziatie Bogomateri na nebo.

Nestes nossos tempos refulgiu com luz mais clara o privilégio da Assunção corpórea da Mãe de Deus<sup>1</sup>. Esse privilégio brilhou com novo fulgor quando o nosso predecessor de imortal memória, Pio IX, definiu solenemente o dogma da Imaculada Conceição. De fato esses dois dogmas estão estreitamente conexos entre si. Cristo com a própria morte venceu a morte e o pecado, e todo aquele que pelo batismo de novo é gerado, sobrenaturalmente, pela graça, vence também o pecado e a morte. Porém Deus, por lei ordinária, só concederá aos justos o pleno efeito desta vitória sobre a morte, quando chegar o fim dos tempos. Por esse motivo, os corpos dos justos corrompem-se depois da morte, e só no último dia se juntarão com a própria alma gloriosa<sup>2</sup>. Mas Deus quis exceptuar dessa lei geral a bem-aventurada virgem Maria<sup>3</sup>. Por um privilégio, inteiramente singular, ela venceu o pecado com a sua concepção imaculada. E, por isso, não foi sujeita à lei de permanecer na corrupção do sepulcro, nem teve de esperar a redenção do corpo até ao fim dos tempos<sup>4</sup>...

Nosso Senhor subiu ao céu e deixou a sua bendita Mãe e Senhora nossa, na terra. Não a levou consigo, porque assim convinha, pois que, doutra forma, a Igreja que fundara ficaria órfã... Deixou-a para que, como a lua na ausência do sol, alumiasse este mundo, como astro divino. E, mostrando as suas admiráveis virtudes, crescesse em merecimentos e dilatasse a sua coroa de glória, pela sua ardente caridade e fortaleza nos combates e, assim, se apresentasse repleta de sofrimentos e vitórias. Deixou-a, também, para preparar para ela, um digníssimo lugar no Céu e poder vir, Ele próprio, com toda a corte celeste, recebê-la, a fim de que entrasse no Céu de forma solene e exaltada, e fosse acolhida na presença de Deus, em glória, acima de todos os coros dos Anjos<sup>5</sup>.

Santo Anselmo (1033-1109), ao falar com o Senhor, disse: *Como sofreu, ó bom Jesus, o vosso coração! Regressando ao Reino da vossa glória, deixastes, como órfã, nas misérias deste mundo, a vossa santíssima Mãe e não a levastes para que reinasse convosco! E, respondendo: Queríeis ir, Senhor, à frente, para preparardes no vosso Reino, o lugar de glória que lhe*

---

<sup>1</sup> PP. Pio XII, *Constituição Apostólica Munificentissimus Deus (= Mun. Deus)*, nº 3, 1950

<sup>2</sup> *Ibidem*, *Mun. Deus*, nº 4

<sup>3</sup> Como confessa S. João Damasceno: "Convinha que aquela que no parto manteve ilibada virgindade conservasse o corpo incorrupto mesmo depois da morte. Convinha que aquela que trouxe no seio o Criador encarnado, habitasse entre os divinos tabernáculos. Convinha que morasse no tálamo celeste aquela que o Eterno Pai desposara. Convinha que aquela que viu o seu Filho na cruz, com o coração traspassado por uma espada de dor de que tinha sido imune no parto, contemplasse assentada à direita do Pai. Convinha que a Mãe de Deus possuísse o que era do Filho, e que fosse venerada por todas as criaturas como Mãe e Serva do mesmo Deus" (Pio XII, *Mun. Deus*, nº 21)

<sup>4</sup> *Ibidem*, *Mun. Deus* nº 5

<sup>5</sup> *Os fiéis, guiados e instruídos pelos pastores, souberam por meio da Sagrada Escritura que a Virgem Maria, durante a sua peregrinação terrestre, levou vida cheia de cuidados, angústias e sofrimentos; e que, segundo a profecia do santo velho Simeão, uma espada de dor lhe traspassou o coração, junto da cruz do seu divino Filho e nosso Redentor. E do mesmo modo, não tiveram dificuldade em admitir que, à semelhança do seu unigénito Filho, também a excelsa Mãe de Deus morreu. Mas essa persuasão não os impediu de crer expressa e firmemente que o seu sagrado corpo não sofreu a corrupção do sepulcro, nem foi reduzido à podridão e cinzas aquele tabernáculo do Verbo divino. Pelo contrário, os fiéis iluminados pela graça e abraçados de amor para com aquela que é Mãe de Deus e nossa Mãe dulcíssima, compreenderam cada vez com maior clareza a maravilhosa harmonia existente entre os privilégios concedidos por Deus àquela que o mesmo Deus quis associar ao nosso Redentor. Esses privilégios elevaram-na a uma altura tão grande, que não foi atingida por nenhum ser criado, exceptuada somente a natureza humana de Cristo.* (Pio XII, *Mun. Deus*, nº 14)

*pertencia. Para que, depois, acompanhado de toda a corte celeste, com maior festa a viésseis receber e com maior honra a sublimasses, como convinha que fizesse tal Filho, com tal Mãe.*

Pois foi isto o que o Senhor fez com a sua dulcíssima Mãe. Levando-a em corpo e alma ao Céu e, sentando-a num trono, acima de todos os Coros dos Anjos e sobre todos os Santos, como sua Mãe, Rainha e Senhora de toda a criatura. E, por esta glória tão elevada da Virgem, esta festa se chama, especialmente: Dia de Nossa Senhora<sup>6</sup>. Pois que, embora haja outras festas suas, em que são apresentados mistérios muito gloriosos, em comparação com esta, são festas da terra.

Mas esta foi festa do Céu, isenta de todas as dores e moléstias que brotam na terra, remate e cumprimento de todos os gozos e desejos da Virgem. É verdade que hoje celebramos, num só dia, três festas de Nossa Senhora sob o título de Assunção: uma, o seu felicíssimo trânsito, quando a sua bendita alma, deixando o corpo na terra, voou para o Céu; outra, quando, depois se uniu a alma ao corpo e, com inefável glória, subiu ao Céu; a terceira, o da sua coroação como Rainha dos Anjos e Senhora do universo.

O papel importante que a mãe de Jesus tem, na tradição cristã, foi esboçado a partir da revelação das sagradas Escrituras. A primeira geração cristã centrou-se sobre o ministério de Jesus, desde o baptismo no Jordão até à Páscoa (Ac 1,22; 10,37ss; 13,24ss), respondendo à urgência da missão apostólica. Assim se compreende que os relatos da infância de Jesus apareçam tardiamente. S. Marcos ignora-os praticamente, mencionando, apenas duas vezes, a Mãe de Jesus (Mc 3,31-35; 6,3). S. Mateus conhece-os, mas centra-se sobre José, o descendente de David que recebe as mensagens celestes (Mt 1,20s; 2,13.20.22) e dá o nome de Jesus ao Filho da Virgem (1,18-25). Em S. Lucas, Maria é iluminada plenamente. Logo, no começo do seu Evangelho, Maria tem o primeiro lugar, com verdadeira personalidade. E, no nascimento da Igreja, toma parte, com os discípulos, na oração do Cenáculo (Ac. 1,14). Finalmente, S. João enquadra a vida pública de Jesus, entre duas cenas marianas (Jo 2,1-12; 19,25ss). Em Caná e no Calvário, Jesus definiu com autoridade, a função de Maria, primeiramente como fiel, depois como Mãe dos seus discípulos.

Esta consciência progressiva do papel de Maria não se explica simplesmente por motivos psicológicos, mas reflecte uma inteligência cada vez mais profunda do próprio mistério de Jesus, inseparável da «mulher» de que quis nascer (Ga 4,4). Alguns títulos permitem reunir dados dispersos do novo Testamento: a Filha de Sião, a Virgem, a Mãe, a Primeira Crente, Maria e a Igreja<sup>7</sup>. A partir desta base bíblica se estabelece e desenvolve a revelação e devoção da Igreja, do povo cristão e a confiança e o amor do povo simples, Àquela que todas as gerações chamaram e chamarão bem-aventurada.

Depois de Cristo, como vitorioso e triunfador, ter sido recebido, com tanta glória, no Céu, a Virgem, nos anos que viveu em Jerusalém, ocupou-se, em parte, na altíssima contemplação de Deus e dos mistérios que Ele, revestido com a sua carne, tinha realizado na terra. E, noutra, a visitar e reverenciar aqueles santos lugares que seu Filho tinha consagrado com seus pés, doutrina e milagres. E, doutro modo, a formar aquela nova e primitiva Igreja do Senhor que começava a estabelecer-se e a estender-se pelo mundo.

### **1. A morte ou a Dormição da Virgem**

E, assim, avançada em idade, como se supõe, abrasada de amor e acesa do desejo de ver o Filho, suplicou-lhe que a livrasse das tormentas e angústias desta vida e a levasse ao porto seguro da bem-aventurança, onde sempre O visse e pudesse estar e fruir com Ele. Segundo a legenda, o Filho, atendendo-a, enviou-lhe um Anjo com a notícia da sua morte e,

---

<sup>6</sup> *Por conseguinte, Deus é o Pai das coisas criadas, e Maria a mãe das coisas recriadas. Deus é o Pai da criação universal, e Maria a mãe da redenção universal. Pois Deus gerou aquele por quem tudo foi feito, e Maria deu à luz aquele por quem tudo foi salvo. Deus gerou aquele sem o qual nada absolutamente existe, e Maria deu à luz aquele sem o qual nada absolutamente é bom* (Sto. Anselmo, Liturgia das Horas).

<sup>7</sup> *Vocabulaire de Théologie Biblique*, Augustin George, pp. 582-588, Edit. du Cerf, Paris 1966

uma palma, como sinal da perfeita vitória que havia alcançado do pecado e do demónio e da própria morte. Não se pode avaliar suficientemente o júbilo que teve o seu espírito e a preparação cuidada e jubilosa da sua morte, a fim de receber condignamente, com glória, o Autor da vida.

Ressalta, entretanto, uma dúvida. Porque é que o Senhor que a enriqueceu com tão soberanos dons e a livrou de outras penas e misérias, quis que ela morresse, sendo a morte a pena do pecado? Visto que não pecou, pois foi privilegiada e prevenida com graça singular, para que não caísse no pecado original, nem em qualquer outro, porque não a livrou da morte e não a trasladou desta vida mortal à imortal, sem se sujeitar a este passamento?

Porque tendo morrido Jesus Cristo, seu Filho, não se encontraria razão que tal privilégio fosse dado à Mãe, nem a qualquer outra pessoa. Além disso, convinha que a Senhora manifestasse, não apenas com a sua vida, mas com a sua morte que era criatura humana e não anjo, com corpo aparente, trazido do Céu. E, assim, perante as especulações heréticas, acerca do seu Filho, foi muito conveniente que Ela, publicamente, expirasse e fosse amortalhada e enterrada para desfazer o erro dos que a consideravam como anjo ou como deusa, se não morresse. Mas também para maior glória da Virgem. Pois que a morte, aceite com paciência e resignação à vontade divina, é meritória diante de Deus. Por isto, se diz que a morte dos santos é preciosa aos olhos do Senhor, porque tem um preço elevado. E muito mais o desta Senhora que, tendo superado todos os santos em todas as outras virtudes, assim também, nesta resignação. E se a morte dos santos mais parece sono que morte, na Virgem muito mais. Porque a sua morte não foi de fraqueza, nem dor alguma, mas puro amor ao seu Amado e fervorosíssimo desejo de vê-lo e abraçar-se eternamente com Ele.

E que diremos do consolo e alento que, a todos os miseráveis filhos de Adão e Eva, se nos oferece por esta ditosa morte de nossa Senhora e Mãe? Pois quem estranhará passar por aquela estreita porta, por onde Cristo e a sua Mãe passaram? E quem não aceitará de bom grado a sentença da morte que por sua culpa merece, pois sem culpa a aceitaram Cristo e Maria? Quem temerá a morte, sabendo que foi desarmada, pela virtude de Cristo que a venceu na cruz e da sua bendita Mãe que morreu? Finalmente, foi conveniente que a Virgem santíssima morresse, como diz a santa Igreja<sup>8</sup>, para que com maior confiança advogue por nós no Céu e apresente as nossas misérias à compreensão do seu Filho e nos alcance perdão, misericórdia e bênção. Estas são algumas das causas porque o nosso Redentor quis que sua Mãe passasse pelo transe da morte.

## **2. As figuras proféticas da Virgem**

A FILHA DE SIÃO – Maria era um nome muito comum, no seu tempo. O mesmo da irmã de Moisés (Ex 15,20) que significava, provavelmente, «Princesa», «Senhora». S. Lucas mostra-nos Maria, como uma piedosa mulher judia que, fielmente, conhecia e seguia a Lei (Lc 2,22.27.39), como se depreende das respostas que dá ao mensageiro divino (1,38) e, particularmente, no seu Magnificat<sup>9</sup>. Todavia, Maria não é uma simples mulher judia. As cenas da Anunciação e da Visitação (Lc 1,26-56), apresentam-na, como a filha de Sião, personificação do povo de Deus. O «Alegra-te» do anjo (1,28) não é uma saudação vulgar. Evoca as promessas da vinda do Senhor à sua cidade santa (So 3,14-17; Za 9,9). O título «cheio de favor», objecto, por excelência, do amor divino, pode evocar a esposa do Cântico dos cânticos, uma das mais tradicionais figuras do povo eleito. Só ela recebe em nome da casa de Jacob, o anúncio da salvação. Aceitando-o, torna assim possível o seu cumprimento. No Magnificat, passa da sua gratidão pessoal (1,46-49) dando voz à raça de Abraão, no reconhecimento e na alegria (1,50-55).

A VIRGEM – *O facto da virgindade* de Maria na concepção de Jesus é afirmado em duas tradições literariamente independentes (Lc 1,26-38; Mt 1,18-23) e é confirmado por alguns testemunhos de Jo 1, 13: «*Aquele que nem o sangue, nem a carne, mas Deus gerou*». E, solida e claramente afirmado e expresso por S. Mateus que aponta o cumprimento do oráculo (Is 7,14) e por S. Lucas que parece referir-se à mesma profecia (Lc 1,31s).

Terá *Maria desejado esta virgindade*? O seu casamento com José leva, à primeira vista, a uma resposta negativa. Israel não dava grande valor religioso à virgindade (Jz 11,37s). S. Lucas oferece,

<sup>8</sup> É o que se afirma, para apresentarmos um exemplo elucidativo, no *Sacramentário* enviado pelo nosso predecessor de imortal memória Adriano I, ao imperador Carlos Magno. Nele se diz: "É digna de veneração, Senhor, a festividade deste dia, em que a santa Mãe de Deus sofreu a morte temporal; mas não pode ficar presa, com as algemas da morte, aquela que gerou no seu seio o Verbo de Deus encarnado, vosso Filho, nosso Senhor" (Pio XII, *Mun Deus*, nº 17)

<sup>9</sup> Composição de salmos e inspiração, no cântico de Ana (Lc. 1,46-55 / cf 1Sam 2,1-10).

entretanto, outro dado. Ao anjo que lhe anuncia a sua maternidade, Maria objecta: «*Como se fará isso se não conheço homem?*» (Lc 1,34). A frase é elíptica e tem tido muitas interpretações. A mais tradicional que críticos exigentes sustentam, hoje, é que Maria é a esposa legal de José.

Se ela se propõe, neste casamento, ter relações conjugais normais (que a língua bíblica designa com a palavra «conhecer», v. Gen 4,1), o anúncio da sua maternidade não representaria para ela qualquer problema. José pertence à raça de David e o seu filho poderia ser o Messias anunciado pelo anjo. Mas, então, a questão de Maria não faria qualquer sentido.

Ora, o seu substrato semítico permite uma outra tradução: «*visto que não quero conhecer homem*». E isto indica, na Virgem, um propósito de virgindade. Esta decisão, deveras impressionante, por parte de uma jovem esposa, não seria caso isolado, na Palestina desse tempo. Os dados de autores antigos sobre o celibato dos Essénios encontraram algum apoio. Por outro lado, uma jovem que quisesse guardar a virgindade, dificilmente, poderia recusar um casamento imposto pelo pai. Assim, o texto é favorável à vontade de ser virgem, por parte de Maria.

*Mas que sentido dará, então, Maria a esta virgindade?* Maria não diz. Quanto S. Lucas deixa entrever da sua alma, supõe a sua virgindade por motivos elevados e positivos. Deus, entretanto, trata-a como «muito amada» e ela deseja ser a sua «serva», com a nobreza que a língua bíblica dá a esta palavra (Lc 1,38). A sua virgindade representa-se, assim, como consagração, dom de amor exclusivo ao Senhor. E, para isso, encontra indícios, no antigo Testamento que, apesar de ignorar a virgindade religiosa, não cessa de exigir amor exclusivo dos fiéis ao Senhor (Dt 6,5). Dedicando-se toda ao Senhor, Maria responde ao apelo dos profetas (Oseias, Jeremias, Ezequiel...), dos salmos (Sl 16; 23; 42; 63; 84) e do Cântico dos cânticos. A *menção dos «irmãos de Jesus»* (Mc 3,31 p; 6,3 p; Jo 7,3; Ac 1,14; 1 Co 9,5; Ga 1,19) levou vários críticos a concluir que Maria não teria guardado virgindade, após o nascimento de Jesus. Tal opinião contradiz a vontade de Maria de permanecer virgem e é contrariada pela tradição que não conheceu outro filho de Maria. Quanto à expressão que causa dificuldade, sabe-se que no mundo semita, o nome *irmão* é também dado aos próximos, parentes e aliados.

A MÃE – Na tradição evangélica, Maria é tida em primeiro lugar como Mãe de Jesus. Vários textos a chamam assim (Mc 3,31s p; Lc 2,48; Jo 2,1-12; 19,25s). Esta é a sua função, na obra da salvação. *Tal maternidade é voluntária*: o relato da Anunciação ressalta-o claramente (Lc 1,26-38). Perante a vocação inesperada, S. Lucas mostra a Virgem interessada em compreender com clareza como conciliar o novo apelo de Deus com o chamamento à virgindade. O anjo mostra-lhe uma concepção de virgindade que permite responder, ao mesmo tempo, aos dois apelos. Plenamente esclarecida, Maria aceita. Ela é a serva do Senhor, como Abraão, Moisés e os profetas, como eles e mais ainda, o seu serviço é liberdade.

Quando Maria dá Jesus à luz, a sua tarefa, como para qualquer mãe, começa. É necessário criar e alimentar Jesus. Partilha com José as suas responsabilidades. Leva o Menino ao Templo para o apresentar ao Senhor, a fim de exprimir a oblação que a sua consciência humana é, ainda, incapaz. Recebe de Simeão o anúncio da sua missão (Lc 2,29-32.34s). Acolhe, enfim, a submissão do Filho a seus pais, de que dá provas, durante o tempo do seu crescimento (2,51s). Maria permanece mãe *quando Jesus atinge a idade adulta*. Encontra-se junto do Filho nos momentos dolorosos de separação (Mc 3,21.31; Jo 19,25ss). Mas a sua tarefa toma uma forma nova. Tanto S. Lucas, como S. João demonstram isso nas maiores etapas da maturação de Jesus. Aos doze anos, como israelita de pleno direito, Jesus reclama, dos seus pais terrenos, o culto ao seu Pai celeste (Lc 2,49). Quando abre a sua missão, em Caná, são claras as palavras a Maria: «*Mulher, deixa-me*» (Jo 2,4) – palavras, menos de filho que de um responsável do Reino. Reivindica a sua independência de enviado de Deus. Deste modo, a mãe apaga-se na condição de fiel (cf Mc 3,32-35p; Lc 11,27s).

Tal despojamento concluiu-se na Cruz. Aí Maria, descobre o destino de Jesus que Simeão anunciara, como espada que lhe havia de trespassar a alma e une-se ao sacrifício redentor (Lc 2,34s). A sua maternidade amplia-se, como mostra S. João, numa cena, em que cada pormenor é significativo (Jo 19,25ss). Maria está de pé, junto à Cruz. Jesus dirige-se-lhe, outra vez, com a solene palavra «*Mulher*» que marca a sua autoridade de Senhor do Reino. Entrega a sua Mãe, o discípulo presente: «*Eis teu filho*». Jesus incita, deste modo, a uma nova maternidade, que, a partir de agora, vai ser função sua no povo de Deus. Porventura S. Lucas terá querido sugerir esta missão de Maria na Igreja, ao mostrá-la em oração com os Doze, na espera do Espírito Santo (Ac 1,14). Ao menos, esta maternidade universal corresponderia, talvez, ao seu pensamento que em Maria, via a personificação do povo de Deus, a filha de Sião (Lc 1,26-55).

A PRIMEIRA CRENTE – Muito para além de considerar a grandeza de Maria em excepcionais luzes, os evangelistas mostram-na na sua fé, sujeita às mesmas obscuridades e percurso do mais humilde fiel.

*A revelação feita a Maria.* Desde a Anunciação, Jesus é entregue a Maria como objecto da sua fé. E esta fé é esclarecida pelas mensagens que se enraízam nos oráculos do antigo Testamento. O Menino chamar-se-á Jesus e será o Filho do Altíssimo, filho de David e Rei de Israel, o Messias anunciado. Na Apresentação no Templo, Maria ouve os oráculos do Servo de Deus, aplicados ao Seu Filho: luz das nações e sinal de contradição. A algumas destas explícitas palavras, importaria acrescentar outras que Maria pressente na experiência que se revela na vida de um menino que é o Messias, uma presença que se desenvolve no silêncio e na pobreza. E quando Jesus fala à sua mãe, são palavras que têm o tom abrupto dos oráculos proféticos. Maria tem de reconhecer a independência e a autoridade do seu filho, a superioridade da fé, acima da maternidade carnal.

*A fidelidade de Maria.* S. Lucas teve o cuidado de fixar as reacções de Maria perante as revelações divinas: a sua perturbação (Lc 1,29), a sua dificuldade (1,34), a sua admiração perante o oráculo de Simeão (2,33), a sua incompreensão da palavra de Jesus no Templo (2,50). Na presença de um mistério que ultrapassa a própria inteligência, reflecte na mensagem (1,29; 2,33), regressa incessantemente ao acontecimento misterioso, conservando as lembranças e meditando-as no seu coração (Lc. 2,19.51). Atenta à palavra de Deus, acolhe-a, mesmo que se alterem os seus projectos ou possam atingir a ansiedade de José (Mt. 1,19s). As suas respostas aos apelos divinos, Visitação, Apresentação de Jesus no Templo, são tantas outras acções pelas quais Jesus age através da sua mãe: santifica o Precursor, e oferece-o a seu Pai. Fiel, Maria recolhe-se ao silêncio quando seu Filho entra na vida pública e assim será até à Cruz.

*O Magnificat.* No cântico de Maria, S. Lucas transmite uma tradição palestina que, menos que as palavras literais da Virgem, conserva o sentido da sua oração e o modelo da oração do povo de Deus. De acordo com a forma clássica de um salmo de acção de graças e com a ajuda de palavras tradicionais do saltério, Maria celebra um facto novo: o Reino que está presente. Mostra-se aí, inteiramente ao serviço do povo de Deus. Nela e, por Ela, a salvação é anunciada, a promessa é realizada. Na sua própria pobreza, o mistério das bem-aventuranças realiza-se. A fé de Maria é a mesma do povo de Deus: fé humilde que se aprofunda sem cessar, através de provas e obscuridades, meditando a salvação e pelo serviço generoso que, pouco a pouco, esclarece o olhar do fiel (Jo 3,21; 7,17; 8,31s). É, em razão desta fé atenta que guarda a Palavra de Deus, que o próprio Jesus proclama bem-aventurada aquela que o trouxe no seu seio (Lc 11,27s).

#### MARIA E A IGREJA.

*A Virgem.* Maria, modelo do crente, chamada à salvação na fé, pela graça de Deus, resgatada pelo sacrifício do seu Filho, como todos os membros da nossa raça, ocupa por isso um lugar à parte na Igreja. Nela, vemos o mistério da Igreja, vivido em plenitude, por uma alma que acolhe a Palavra divina com toda a sua fé. A Igreja esposa de Cristo (Ef. 5,32), é Esposa virgem (cf Ap. 21,2) que o próprio Cristo santificou e purificou (Ef. 5,25ss). Cada alma cristã, participando nesta vocação, foi «desposada com Cristo como virgem pura» (2 Co. 11,2). Ora a fidelidade da Igreja a este apelo divino transparece em Maria, a primeira e de modo mais perfeito. Eis todo o sentido da virgindade a que Deus a chamou e que a sua maternidade não diminuiu, mas consagrou. Nela se revela deste modo ao nível da história a existência desta Igreja-Virgem que, pela sua atitude, toma o inverso de Eva (cf 2 Co 11,3).

*A Mãe.* Por outro lado, relativamente a Jesus, Maria ocupa lugar especial que não pertence a nenhum membro da Igreja. É Mãe : lugar humano em que é concebido e dado à luz o Filho de Deus. É esta função permite compará-la à Filha de Sião (So 3,14; cf Lc. 1,2.8), à Jerusalém nova, no seu papel maternal. Se a humanidade nova se compara a uma Mulher a partir da qual Cristo Cabeça é o primogénito, o primeiro gerado (Ap. 12,5), poderíamos esquecer que tal mistério se realizou concretamente em Maria? E que esta Mulher e esta Mãe que não é um símbolo puro, mas teve, em Maria, a graça de uma existência pessoal? Sobre este aspecto ainda, a relação de Maria com a Igreja se afirma com tal força que, por trás da Mulher arrebatada por Deus, aos ataques da Serpente (Ap 12, 13-16), como contrapartida de Eva burlada pela mesma Serpente (2 Col 11, 3 Gen 3,13), Maria se apresenta do mesmo modo que a Igreja, pois tal foi o seu papel no desígnio da salvação. Foi por isso que a Tradição, justamente, viu em Maria e na Igreja, conjuntamente, a «nova Eva», do mesmo modo que em Jesus, o «novo Adão».

*O mistério de Maria.* É por esta ligação com o mistério da Igreja que o mistério de Maria se esclarece melhor, à luz da sagrada Escritura. O primeiro revela claramente o que, no segundo, foi vivido de forma escondida. Em ambos há um mistério de virgindade, mistério nupcial, em que Deus é o Esposo. E um mistério de maternidade e de filiação em que o Espírito Santo opera (Lc 1,35; Mt 1,20; cf Rm 8,1), face a Cristo, em primeiro lugar (Lc 1,31; Ap 12,5), depois face aos membros do seu Corpo (Jo 19,26s; Ap 12,17). O mistério da virgindade implica uma pureza total, fruto da graça de Cristo que atinge a raiz do

ser, tornando-o «santo e imaculado» (Ef 5,27). Nisto se encontra o sentido da Conceição Imaculada de Maria. O mistério da maternidade implica uma união total ao mistério de Jesus, na sua vida terrestre até à prova e à cruz (Lc 2,35; Jo 19,25s; cf Ap 12,13). E a Assunção na sua glória até à participação na sua ressurreição (cf Ap 21). Imaculada Conceição e Assunção: dois termos da vida de Maria que a Escritura não refere, explicitamente. Transparecem, contudo, na sua evocação do mistério da Igreja, de tal modo que a fé da Igreja os pôde descobrir. Não se trata de elevar Maria ao nível de Jesus, mediadora ao lado do mediador! Ela que foi «cheia de graça» da parte de Deus (Lc 1,28) permanece, no plano dos membros da Igreja, «agraciados no Amado» (Ef 1,6). Mas foi por seu intermédio que o Filho de Deus, Mediador único, se fez irmão de todos os homens, com quem estabeleceu uma ligação orgânica. E, por isso, nada poderia atingir, sem passar pela Igreja que é o Seu Corpo (Col 1,18). A atitude dos cristãos para com Maria é pois dirigida por este Facto fundamental. Eis que está em relação muito directa com a sua atitude face à Igreja, sua Mãe (cf Ps 87,5; Jo 19,27).

### 3. O passamento

Mal se difundiu, em Jerusalém, a notícia do que a Virgem tinha já recebido do Céu, acorreram muitos e se juntaram em sua casa. Fora um apartamento na casa da mãe de S. João Marcos, no monte santo de Sião, onde Cristo tinha ceado com os seus discípulos e instituído aquela Ceia do seu sagrado Corpo, e o Espírito Santo se manifestara em línguas de fogo. Os fiéis trouxeram muitas velas e perfumes e espécies aromáticas (como era costume dos Hebreus), compuseram muitos hinos e cânticos divinos, para celebrar o glorioso passamento. A Virgem manifestara o desejo de ver, neste momento, os santos Apóstolos que, pelo mundo, anunciavam as glórias do seu Filho, para lhes dar a sua bênção, antes de partir deste mundo. E o Senhor, a quem todas as coisas se submetem e lhe obedecem, pelo ministério dos anjos ou de outro modo, os trouxe para consolo seu e dos próprios apóstolos.

E, com eles, se fizeram presentes, outros varões apostólicos, Hieroteu, Timóteo e Dinis Areopagita, que, com outros autores narraram. Foi admirável o contentamento da Virgem, ao receber aquela ditosa e santa companhia.

E, após ter dado graças ao seu precioso Filho, por tê-la brindado com tudo isso, dirigindo-se a eles com rosto doce e com semblante do Céu, comunicou-lhes o desejo que tinha tido de se afastar desta vida e, do mesmo desejo, se alegraram os espíritos angélicos de a ver no Céu.

E que Deus o tinha concedido e, por isso, os tinha trazido ali de diferentes partes. Todos se enterneceram com isso e a felicitaram pela sua glória e bem-aventurança. Acenderam velas e a Virgem santíssima recostou-se no seu humilde leito. Olhando-os a todos, com aspecto mais divino que humano, mandou que se aproximassem, deu-lhes a bênção, suplicando a seu Filho que a confirmasse. Todos choravam, derramando rios de lágrimas, pela ausência de tal Mãe, ao ver, que se punha aquele sol que iluminava o mundo. Mas ela consolava-os e dizia: *Ficai-vos com Deus, meus filhos muito amados e não choreis porque vos deixo, mas alegrai-vos que vou para o meu amado*. Logo fez o seu testamento e mandou que S. João Evangelista, distribuísse duas túnicas suas pelas duas donzelas que ali estavam e tinham convivido muitos anos em sua companhia. Era esse o enxoval da casa, as riquezas e tesouros da Virgem que, sendo Rainha do Céu e da terra, tinha escolhido para si a pobreza, para em tudo imitar o seu pobre e riquíssimo Filho que para isso, tinha baixado do Céu, acompanhado de numerosos cortesãos da sua corte celeste.

E vendo-o com grande gozo de espírito, disse-lhe a Mãe puríssima: *Eu te bendigo, Senhor, dador de toda a bênção e luz de toda a luz, porque te dignaste vestir-te de carne nas minhas entranhas. Dou crédito e estou certa de que tudo o que disseste, se cumprirá em mim*. Dito isto, compôs-se decentemente, na sua cama, cheia de um extraordinário gozo, por ver o Filho que a chamava. Levantou as mãos e disse: *Faça-se em mim a tua palavra*. E, dito isto, como quem se põe a dormir, sem pena, nem dor, entregou o espírito àquele Senhor, a quem dera a sua carne. Isto aconteceu na noite anterior ao 15 de Agosto do ano 57, segundo a mais comum opinião.

No momento em que a Virgem expirou, os anjos que acompanharam a sua alma ao céu e os outros que trataram do seu santo corpo, deram, na terra, um concerto de música celeste

e divina que foi ouvida por todos os que estavam presentes. Mas cantaram os anjos e choraram os homens. E os apóstolos e discípulos do Senhor desfaziam-se em lágrimas, quando viram aquele corpo, do qual tinha tomado carne a nossa vida e operado e padecido nela, por nós, tantos tormentos e penas. Lançaram-se no chão, beijaram-no, ungiram-no com preciosos perfumes, envolveram-no com um limpíssimo lençol, cantaram hinos de louvor ao Senhor, lançaram flores e suaves perfumes. Mas a fragância que vinha do corpo da Virgem santíssima, era tão grande que nenhum outro perfume se lhe poderia comparar. Muitos doentes de várias enfermidades foram curados e Deus realizou outros milagres no seu funeral.

#### **4. A sepultura**

Colocado, pois, o corpo puríssimo da Virgem no sepulcro, cantaram os anjos e os apóstolos com eles, louvaram o Senhor e permaneceram junto do sepulcro, três dias, como desmaiados e recolhidos em Deus. Ao fim dos três dias, chegou S. Tomé, apóstolo, que tinha estado ausente na morte da Virgem. Com insistência e emoção, pediu aos outros apóstolos que se abrisse o sepulcro para que, também ele visse e reverenciasse o santo corpo, pois que não tinha merecido vir antes e poder vê-lo. Deus dispôs assim que, agora, se descobrisse a glória da Virgem. Abrindo o sepulcro, não se encontrou o santo corpo, mas somente os lençóis e o sudário em que tinha sido envolto. E, com isto, entenderam que tinha ressuscitado. Fechado o sepulcro, de que evolava um perfume celeste, regressaram à cidade, cheios de incomparável gozo, seguros de que a Rainha dos anjos e Senhora nossa já estava no Céu em corpo e alma, no gozo da querida e bem-aventurada presença do seu Filho.

Não pôde aquele corpo puríssimo da Virgem ser comido pela terra, nem pelos vermes, pois que era conveniente que, como viva arca do Testamento, não fosse corroída, nem padecesse corrupção. Desta arca disse o Rei profeta David: *Levantai-vos Senhor do vosso descanso, Vós e a arca que santificastes*. Esta arca é a Virgem, de que a Igreja canta: *Ventris sub arca clausus est* (Deus encerrou-se no sagrado ventre da Virgem, como numa arca). E importa notar que Deus que, em primeiro lugar, pelo profeta David, fala da ressurreição do Filho, dizendo: *Levantai-vos Senhor do vosso descanso*; só depois, da ressurreição da Mãe, acrescentando: *Vós e a arca que santificastes*. E assim como, embora, a morte a tenha engolido, como a baleia a Jonas, não a pôde digerir, nem mastigar, nem a converter na sua substância. Se nem os leões ousaram tocar no santo profeta Daniel, embora estivessem esfomeados e o tivessem à sua disposição, assim os vermes não ousaram aproximar-se, nem atirar-se ao corpo da Virgem. Pois que como o bálsamo conserva os corpos para que não se corrompam, o Filho bendito que esteve nove meses naquelas entranhas e as banhou e penetrou com a sua divina virtude, mais suave e mais eficaz que o bálsamo e todas as espécies aromáticas, como não haveria, pois, de preservar aquela carne, de que se havia revestido? Pois que a carne do Filho foi carne da Mãe. E, assim como Deus não permitiu, como diz o profeta David, que o corpo do Filho visse a corrupção, desse modo, foi conveniente que tão pouco o visse o corpo da Mãe. Não se entende bem corpo de Cristo e corrupção, nem corpo da Mãe de Cristo e corrupção, pois que o corpo do Filho é corpo da Mãe e o que se deve ao Filho por natureza, se deve à Mãe por graça.

E, desse modo, diz Santo Agostinho (354-430): *Acreditar que aquela puríssima carne donde tomou carne o Filho de Deus foi entregue aos vermes, para que a comessem, não. Não posso acreditar, nem tampouco ousar dizer. E acrescenta: Se Deus, no meio das chamas, não só conservou os corpos dos três jovens no forno de Babilónia, mas também as suas vestes sem que ardessem, porque não faria em sua Mãe o que fez em veste alheia?* Deus guardou-a de todo o pecado, guardou-a sempre Virgem, sendo Mãe, guardou-a da dor quando deu à luz e quando morreu, porque não a havia de guardar da corrupção do seu corpo? E, vendo que até os corpos de alguns santos tiveram esse privilégio e durante muitos anos não se corromperam, nem se tornaram cinza, algum privilégio que se concedeu aos criados, se deve conceder à Rainha. E se, naturalmente, a alma requer a companhia do seu corpo, porque é forma e lhe dá vida. E, quando dele está separada, tem a inclinação para se unir a ele, a alma da Virgem teve esse natural desejo. Porque não haveria o seu Filho realizar o que se cumpre com os outros? Mas não só foi conveniente que o corpo da Virgem permanecesse inteiro e sem corrupção. Mas também, unido à sua alma, ressuscitasse, vestido de claridade e de glória, subisse aos céus, os iluminasse e brindasse com a sua incomparável beleza e imenso esplendor. E, para que deste modo, estivesse o céu empíreo adornado com aqueles dois luzeiros, o maior e o menor, como está o céu material, com o sol e a lua. E um homem Deus e uma mulher Mãe de Deus governassem o universo: Cristo como Senhor absoluto e Príncipe universal, cabeça da Igreja e a Virgem como administradora e dispensadora e pescoço deste

corpo místico, por cujas mãos se repartem e por cujos canais chegam todas as graças e dons de Deus. E não menos ainda para que vejamos que não só ressuscitou e subiu aos Céus o corpo do nosso Salvador que era homem e Deus. Mas também o da Virgem que era pura criatura e avivemos mais a nossa fé, despertemos mais a nossa esperança, sabendo que os nossos corpos, a exemplo do seu, hão-de ressuscitar e subir ao Céu.

E se Cristo nosso Senhor disse que quem o servisse estaria onde ele estivesse, foi muito justo que aquela que o servira, não como os outros, mas de um outro modo mais excelente, revestindo-o com a sua carne, amamentando-o com o seu leite, criando-o com solicitude, acompanhando-o nas suas saídas e temores, padecendo martírios e trespassada de dor junto da cruz, estivesse de um modo singular e extraordinário, onde o seu Filho estava e que, em corpo e alma, reinasse com ele. Pois toda a honra da Mãe é honra do Filho e, nenhuma honra que tal Filho a tal Mãe pode dar, se deve negar. E se os santos que ressuscitaram com Cristo nosso Redentor, segundo a opinião de muitos e graves autores, não tornaram a morrer, mas subiram ao céu em corpo e alma com Ele, para maior glória do seu libertador. E, São João Evangelista, como muitos crêem e dizem que, provavelmente, está no Céu, em alma e corpo, no gozo de Deus, com quanta mais segurança e firmeza se deve afirmar isso da Virgem santíssima, pois que, para ela, há muitas mais razões, para conceder-lhe tal favor, mesmo que não tivesse sido concedido a mais ninguém.

E, considerando particularmente, que se o seu sagrado corpo estivesse na terra, o Senhor não consentiria que não se soubesse onde está e que não tivesse aquela honra e reverência tão devida que os fiéis dão às relíquias dos santos; ou que, estando escondidos, o Senhor desvendou e revelou para consolo e defesa da sua Igreja e para louvor e glória dos mesmos santos. Nesta verdade não se deve duvidar, mas importa considerá-la como certíssima, embora, não estando definida pela Igreja (o dogma da Assunção só foi definido em 1950, por Pio XII<sup>10</sup>), mas está recebida nela que, com o nome de Assunção, se celebra Nossa Senhora e está fundamentada em muitíssimos santos e gravíssimos doutores gregos e latinos, antigos e modernos e na piedade do povo, e em toda a boa razão.

### **5. A ressurreição do Corpo**

O modo como ressuscitou o corpo da Virgem santíssima e de novo se uniu à sua alma já bem-aventurada, não o diz a sagrada Escritura, como tampouco o mais que aqui referimos. Mas, a partir do que dizem alguns graves autores, podemos concordar com três dias depois do seu glorioso trânsito (embora uns digam que foram mais e outros menos dias).

A fim de que tudo fosse semelhante ao que se deu com o seu unigénito Filho que esteve três dias no sepulcro. Foi o próprio Filho que veio do Céu, acompanhado de inumeráveis anjos e da alma da Virgem e baixou ao sepulcro e deu vida ao corpo morto e voltou a uni-lo àquela alma gloriosa e o revestiu de imortalidade e de uma claridade admirável e o adornou de outros dotes que têm os corpos gloriosos, da impassibilidade, agilidade, subtilidade e formosura, acima de tudo quanto se possa dizer por palavras ou compreender com o entendimento humano.

Imediatamente se deu começo a uma soleníssima procissão e um triunfo inenarrável da Virgem, desde o sepulcro até ao mais alto do Céu, ao trono da Santíssima Trindade. Reclinada sobre o seu amado, por cuja virtude e pela da sua alma, já bem-aventurada, e do seu corpo glorioso, subia pelos ares, sem ter necessidade que os anjos a ajudassem a subir, nem a levassem, embora todos a acompanhassem, assistissem e servissem e, com grande gozo, celebrassem aquela festa e triunfo. Foi apresentada pelo Filho diante do Pai eterno e recebida por Ele como doce esposa e seu templo e coroada de glória e constituída imperatriz do universo e rainha soberana de todas as criaturas<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> "Pelo que, depois de termos dirigido a Deus repetidas súplicas, e de termos invocado a paz do Espírito de verdade, para glória de Deus omnipotente que à Virgem Maria concedeu a sua especial benevolência, para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e triunfador do pecado e da morte, para aumento da glória da sua augusta Mãe, e para gozo e júbilo de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assumta em corpo e alma à glória celeste".

<sup>11</sup> Com esta festa não se comemora somente a incorrupção do corpo morto da santíssima Virgem, mas principalmente o triunfo por ela alcançado sobre a morte e a sua celeste glorificação à semelhança do seu Filho unigénito, Jesus Cristo (Pio XII, Mun. Deus nº 20).

Sentou-se como outra Betsabé, mãe de Salomão, numa cadeira ao lado do seu Filho, sobre todos os coros e hierarquias dos espíritos celestes e de todos os santos. E todos aqueles cortesãos vieram prestar-lhe reverência e oferecer obediência à sua Rainha e Senhora, admirando a sua beleza, graça e santidade. E admirando-se que uma pura criatura estivesse tão reluzente, tão vestida do sol da Justiça e de claridade tão infinita que obscurecesse todos os demais santos. E estando tão imponente e levantada sobre todos, mal a podiam ver. E maravilhados por tal novidade e glória, diziam: *Quem é esta que sobe do deserto, cheia de encantos e recostada sobre o seu amado?* Outros sentindo o perfume suavíssimo das suas virtudes, exclamavam: *Quem é esta que sobe como fino ramo de fumo de mirra e de incenso e de poalha aromática (que são todas as virtudes)?* Outros, fixados no seu resplendor e formosura, exclamavam: *Quem é esta que sobe ao alto, como luz da manhã, quando começa a esclarecer, formosa como a lua, escolhida como o sol e terrível como os esquadrões dos exércitos bem ordenados?* Abismavam-se os Serafins, vendo-a tão abrasada e acesa no amor de Deus e que a eles próprios abrasava, os quais, comparados com ela, eram frios. Admiravam-se os Querubins ao considerá-la tão cheia de luz e de sabedoria que os instruía a todos, como meninos diante dela. Os tronos estavam absortos ao ver, contemplando como naquela Arca viva repousava a Santíssima Trindade, mais perfeitamente que neles. Que direi das outras hierarquias e coros de anjos que, juntando-se todos, a adoraram e se ofereceram para a servir e obedecer-lhe, reconhecendo-a como Mãe do seu Senhor e Senhora sua e de todas as criaturas. E, alegrando-se com isso, viam, desse modo, que foram reparadas as suas cátedras e, com a sua presença, ampliada a sua glória e, com novo esplendor, era ornamentado e iluminado aquele palácio real. E sobre os outros santos, nada há a dizer, comparado com ela, a não ser que todos se regozijavam, com ainda maior alegria que os próprios anjos, ao ver aquela Senhora que era a porta pela qual entraram no Céu e a medianeira do seu resgate e salvação.

E, sendo osso dos seus ossos e carne da sua carne, tinha merecido a glória que possuía e ser exaltada acima do que pode ser uma pura criatura, abaixo de Deus. E isso o diz o Seráfico doutor São Boaventura: *O admirável privilégio da glória de Maria é que tudo o que, depois de Deus, é mais formoso, mais doce, mais alegre, naquela glória dos bem-aventurados, tudo é de Maria, tudo está em Maria e tudo vem por Maria.* Os patriarcas estavam em grande gozo, ao ver aquela sua filha, de cuja memória se consolavam, quando peregrinavam no desterro e tal esperança sustentava a sua vida. Os profetas excediam-se no prazer ao ver presente aos seus olhos o que há tanto tempo tinham visto em espírito e muito mais gloriosa à que tinham anunciado com tantas sombras e figuras. E aquele exército inumerável dos santos a felicitava por sua vinda e triunfo e pela glória que lhe era devida, por sua excelente pureza e singular santidade e que aquela coroa correspondia às suas vitórias e aquele troféu aos seus combates e a imensa graça, com que o Senhor a resguardou, adornou e sublimou, para tão grande dignidade. Deste modo, esta Senhora foi recebida e levada àquele trono que Deus, *ab aeterno* (desde toda a eternidade), tinha para ela preparado. E, em certo sentido, como disse o cardeal S. Pedro Damiano (1007-1072), esta recepção da Virgem foi mais solene e ilustre que a que se fez ao seu Filho, quando subiu aos Céus. Porque, então, os anjos saíram ao encontro e receberam o Senhor de Majestade, como triunfador da morte. E a sua Mãe dulcíssima a receberam todos os anjos e santos que estavam no Céu e seu próprio Filho que é o Santo de todos os santos, a acompanhou e a apresentou à Santíssima Trindade e sentou-a no seu trono.

## **6. A glorificação**

Porventura, algum devoto da Virgem pretenderá saber qual o grau de glória que atingiu a Virgem na sua Assunção e Coroação. A isto se pode responder duas coisas: uma certa e averiguada, a outra, embora não haja tanta certeza, é muito razoável e conforme ao que dizem muitos santos. É certo que a Virgem está posta acima dos coros dos anjos, como rainha deles e não há santo nenhum que se lhe possa comparar em glória, pois que a todos excede e ultrapassa com quase infinitos benefícios. E nisto não resta dúvida, nem pode haver.

Porém, outros vão mais além. Afirmam que a Virgem sozinha tem mais glória que todos os anjos e todos os santos juntos. De tal modo que se toda a glória deles se juntasse e amontoasse ou se fundisse numa só e se pusesse numa balança e noutra só a glória da Virgem, dizem, que só a da Virgem pesaria mais que a outra de todos os santos juntos. Em confirmação desta provável opinião, diz o devoto capelão de Nossa Senhora, Santo Ildefonso (605-667), estas palavras: *Assim como o que fez a Virgem é incomparável e o que recebeu, inefável, assim é incompreensível o prêmio da glória que mereceu.* E S. Bernardo (1090-1153) diz: *Tanta é a glória singular que tem no céu, quanto foi a graça que sobre todos teve na terra. E acrescenta: Assim como na terra, não há lugar mais digno que o templo do ventre virginal em que Maria concebeu o Filho de Deus, assim não há no céu coisa que se possa igualar com*

*aquele trono real em que o Filho de Maria a sublimou, colocando-a à sua direita. E noutro lugar, diz: A glória de Maria nem se pode compreender com o entendimento, nem se pode dizer com palavras. E, por isto, é que os próprios príncipes da corte celeste, considerando uma novidade tão grande, com admiração, exclamam: Quem é esta que sobe do deserto, cheia de gozo e de encanto soberanos? Sto. André de Creta (650-740?) diz que a glória da Virgem não se pode compreender porque é mais abundante e mais alta que a de todos os outros, excepto só Deus. E S. Pedro Damiano disse: Entre as almas dos santos e os coros dos anjos, a Virgem é a mais eminente e a mais elevada e excede os merecimentos de cada um e os títulos e prerrogativas de todos. E acrescenta: De tal forma resplandece aquela luz inacessível que ofusca a dignidade dos anjos e dos santos que o são como se não fossem e comparados com ela, nem podem, nem devem parecer. E, noutro lugar: Olha bem mais alto Serafim, e verás que o mais elevado é menor que a Virgem e que só o seu Artífice a ultrapassa e excede. A glória que lhe foi dada, quando saiu desta vida, não tem princípio, nem fim. Dela só poderemos dizer que não sabemos o que dizer. E S. João Damasceno (675-749), falando da festa da Assunção, diz que entre a Mãe de Deus e os servos de Deus há uma infinita distância. S. João Crisóstomo (c.349-407) diz que a Virgem é incomparavelmente mais gloriosa que os Serafins. Santo Efrém (306-373), discípulo e companheiro de São Basílio (329-379), o grande, diz que, sem qualquer comparação, a Virgem é mais gloriosa que todos os supremos espíritos do exército celeste e que é um excelentíssimo milagre do mundo e coroa dos santos, tão resplandecente, que é inacessível. S. Lourenço Justiniano (1381-1456) disse: Com muita razão, qualquer honra ou felicidade que se encontra em cada um dos santos, toda junta, se encontrou, abundantemente, em Maria. E Santo Anselmo (c.1033-1109) disse: Aquela pura santidade e santíssima pureza do piedoso peito de Maria que ultrapassa toda a pureza e santidade de todas as criaturas, mereceu, com sua incomparável dignidade, ser reparadora do mundo perdido. S. Boaventura (1221-1274) ensina que a grandeza e bondade de Deus se manifesta só e mais na Virgem que em todas as outras criaturas e que todas as perfeições, delas juntas, se encontram, de modo mais excelente e admirável, unicamente na Virgem. E diz: Assim como a gloriosíssima Virgem Maria excede, em graça que teve nesta vida e em merecimentos, a todos os santos, assim está muito acima de todos na glória e no prémio que lhe foi dado. E o grande doutor da Igreja, S. Jerónimo (347-420), diz que a todos os outros santos foi dada parte da graça, mas à Virgem se comunicou toda a plenitude da graça. E dela diz o Espírito Santo, como se aplica à Igreja: O meu assento e repouso está na plenitude dos santos. E S. Bernardo explica: Disse-se que a morada e assento da Virgem foi na plenitude dos santos, porque foi tão perfeita e não lhe faltou a plenitude e perfeição de todos os santos.*

Estas e outras coisas semelhantes são ditas pelos santos que nos falam da excelência da glória da Virgem e estão em conformidade com os privilégios e prerrogativas que teve, porque Deus a escolheu para ser a sua Mãe que é máxima dignidade a que pode aceder uma pura criatura. É uma dignidade quase infinita e, qualquer graça, que se lhe dê, cabe nela. Pois se Deus dá a graça proporcionada ao estado e ofício de cada um, o estado da Virgem é tão sublime e de quase infinita perfeição. Que maravilha é que a graça que o Senhor lhe deu, tenha excedido a graça e a glória (que se dá à medida da mesma graça) exceda a glória de todos os santos! Pois que isto se deve à dignidade de Maria.

Assim dizem Eutímio (377-473?) e André (c.650-740) de Creta: *Se falarmos que a graça divina fez na Virgem algo que exceda a nossa capacidade de compreender, ninguém estranhe com tal maravilha, percebendo que se trata de um mistério novo e inefável que nela operou, o qual ultrapassa infinitamente a todo o infinito com infinitos benefícios. E se o Senhor amou mais a Virgem que a todas as criaturas juntas, como parece, porque a elevou à maior dignidade que possa existir e fez dela Senhora e Rainha de todas. Quem duvida que lhe foi dada mais graça e, por isso, mais glória que a todas as outras? Porque o amor de Deus não é preguiçoso em cumprir, como é o dos homens. Mas a quem mais ama, mais bem faz e a medida do seu amor é a graça, à qual sempre corresponde igual grau de glória. Quem duvida que se deve mais amor só à mãe que a todas as criaturas juntas? E quem mais ama a Deus é mais santo e mais amado por Deus? E a Santíssima Virgem amou mais o seu precioso Filho que todos os santos. E, como diz Santo Anselmo, foi muito conveniente que resplandecesse com uma pureza tal que abaixo de Deus não se possa entender outra maior. E não fora tal esta pureza e santidade da Virgem, senão ultrapassasse a de todos os santos e, de forma, que não pudesse haver outra maior. E, por isso, disse S. Bernardino de Sena (1380-1444) que a Virgem, só com aquele acto de fé e obediência, com que atendeu e consentiu a pedido de S. Gabriel e se dispôs a ser mãe de Deus, mereceu mais que todos os santos juntos em todas as suas orações e merecimentos. E S. Pedro Crisólogo (c.380/406-450) disse: Não conhece a grandeza de Deus quem não sente admiração pelo espírito da Virgem, nem se maravilha com*

a beleza da sua alma. O céu treme, temem os anjos, as criaturas podem afligir-se e a natureza mostrar-se incapaz de Deus e uma donzela o recebe, de tal forma em suas entranhas e o alberga e recria, quem traz a paz à terra e glória ao Céu, saúde aos perdidos, vida aos mortos e aos homens a amizade com os anjos, e ainda a união com Deus e parentesco com a carne. E S. Bernardo disse: *Com muita razão, Senhora, os olhos de todas as criaturas vos admiram, porque em vós, por vós e de vós, a poderosa mão do todo-poderoso restaurou e recreou tudo o que tinha criado.*

E não somente a Virgem sacratíssima tem em si esta glória que dizem, mas também, como rio copiosíssimo que sai da mãe, rega e alegra toda a cidade de Deus.

E, como com os soberanos incrementos fez crescer os gozos e contentos de todos os santos e espíritos da corte celeste, como diz o Doutor melífluo (S. Bernardo de Claraval), por estas palavras: *Subindo hoje ao Céu não resta dúvida que acrescentou com grandes aumentos os gozos dos cidadãos soberanos, porque ela é aquela, cuja voz e saudação fez dar saltos de prazer aos que estavam encerrados nas entranhas da sua mãe. Pois se uma alma de criança que, ainda não tinha nascido se regozijou ouvindo falar Maria, como maior foi o regozijo de toda aquela corte celeste, quando mereceu ouvir a sua voz, ver o seu rosto e gozar da sua bem-aventurada presença?* E, ainda que seja verdade que todos os que entram no Céu causam, com a sua entrada, gozo nos bem-aventurados, o gozo é maior ou menor, conforme o grau de glória que se dá a cada um. E, visto que a Virgem (como diz S. Bernardo) foi elevada sobre toda a criatura com aquela honra que tão grande mãe merecia e com tanta glória, como tal Filho lhe devia dar, quem poderá explicar o gozo e festa que neste dia houve em toda aquela corte celeste, a não ser o que o mesmo santo acrescenta: *Christi generationem et Mariae assumptionem, quis enarrabit?* (Quem poderá explicar a geração de Cristo e a assunção de Maria?) Eis porque há dificuldade em declarar a Assunção e glória da Virgem<sup>12</sup>. E a isto, junta S. Bernardo a geração de Cristo.

## 7. A intercessão

Mas uma das razões do trânsito da Virgem desta vida temporal à eterna é o que a Igreja diz, numa oração: *para que com grande confiança interceda por nós.* A Igreja não quer dizer que se a Virgem estivesse na terra não intercedesse por nós, nem fosse nossa advogada. Mas para que o possa ser com maior confiança nossa, subiu aos céus para que compreendamos que está onde vê em Deus todas as nossas necessidades e ouve os nossos clamores e rogos e se compadece das nossas misérias e as representa ao seu benditíssimo Filho, como mãe e nos envia do Céu todos os bens. E assim, disse S. Bernardo: *Este rio de delícias alegra hoje a cidade de Deus que, aqui na terra, sentimos, com tão copioso ímpeto, o caneyro que de lá nos vem. À nossa frente foi a nossa Rainha e foi recebida com tão grande glória que os servos seguem a Senhora com confiança e clamam dizendo: Leva-nos atrás de Vós para que corramos atrás do aroma do vosso bálsamo. A nossa peregrinação enviou à frente uma advogada que, como mãe do Juiz e mãe de misericórdia, tratará, com humildade e eficácia, os negócios da nossa salvação.*

Está vestida de Sol a que vestiu Deus da sua carne. A coroa que tem na cabeça está adornada de doze estrelas que são os doze principais privilégios da Virgem. E, debaixo dos pés tem a Lua que é a Santa Igreja ou todas as coisas criadas, tudo o que está abaixo do Céu e está sujeito a mudança, minguentes e crescentes, como são todas as coisas da terra. E, assim é, para que entendamos que todas estão à disposição desta Rainha e Senhora nossa e que é a ela que devemos acudir, em nossos trabalhos e privações, para que sendo, como somos, fracos e frágeis, não nos deixemos enfeitiçar e levar pelas coisas deste mundo. Ela é a tesoureira e distribuidora de todos os dons de Deus, o pescoço, através do qual Cristo nosso salvador que é a cabeça influi na sua Igreja todo o sentimento e movimento espiritual, com que a Igreja vive e se sustenta. Ela é o tronco pela qual a raiz dá vida aos ramos e produz folhas, flores e frutos, e toda a beleza que há na árvore. Ela é como a arca de água que primeiro recolhe e guarda em si toda a abundância das águas vivas da graça e, depois, reparte por seus canos e com outros, de acordo com a sua capacidade e a disposição divina.

Por isso, disse S. Boaventura: *Que maravilha é, que toda a plenitude da graça se tenha recolhido em Maria, pois que dela derivou tão copiosa graça para os outros!* Por esta porta de Ezequiel<sup>13</sup> entrou o

<sup>12</sup> Cfr. Nota 4 e 7

<sup>13</sup> Cf. Ez. 46 e 47: a porta do templo e a torrente de graça.

Verbo eterno na terra. E, por ela, nós que somos da terra, entramos no Céu. Pois que, aquele que a escolheu por mãe e a enriqueceu com tão grande graça e, a sublimou com imensa glória, a constituiu presidente e padroeira do universo e, em todos os negócios, despacha por sua mão. Deste modo, todos os cortesãos do Céu, os homens da terra, as almas do purgatório e até o inferno a reconhecem por Senhora e se humilham e prostram a seus pés. Não há estado algum na Igreja de Deus que não esteja sob o seu amparo e protecção. A caridade e o zelo que os apóstolos tiveram, a fortaleza e constância dos mártires, a sabedoria e luz dos doutores, a humildade e penitência dos confesores, a castidade e pureza das que se consagraram a Deus e todo o ornamento, graça e glória da Igreja são fruto e obra da sua intercessão. E, especialmente as ordens religiosas que são como os esquadrões bem ordenados da milícia de Deus. E os que adornam e defendem a Igreja estão debaixo das suas asas. Os seus fundadores foram devotíssimos da Virgem e, por seu intermédio, alcançaram do Senhor tão grande graça para si e para seus filhos. E que direi do governo e conservação dos reinos? E das batalhas e vitórias dos cristãos? E da administração da justiça dos juizes? E da pureza das virgens? E da continência conjugal das casadas? E da honestidade das viúvas? Da vida recta dos justos e da conversão e lágrimas dos pecadores? E dos que foram tentados e só não caíram porque a Virgem os segurou? Ou depois da queda se levantaram porque ela lhes deu a mão? Quem a invocou e nela não encontrou remédio para as suas necessidades? No trabalho, na pobreza, na enfermidade, na infâmia, no cárcere, em qualquer angústia, desamparo e afã, no mar, na terra e nos abismos, é ela o nosso refúgio, o nosso consolo e o nosso remédio. S. Germano, arcebispo de Constantinopla, falando com a Virgem, diz: *Ninguém se salva senão por vós, ó Virgem santíssima! Ninguém se livra dos males, senão por vós, ó Virgem puríssima! Ninguém recebe dons de Deus, senão por vossa mão, ó Virgem castíssima! Ninguém recebe misericórdia de Deus, senão por vós, ó Virgem bendita! Quem, depois do vosso Filho, cuida da humanidade como Vós? Quem assim nos defende nas nossas tribulações? Quem tão depressa nos socorre e nos livra das tentações que nos atacam e perseguem? Quem, com piedosos rogos, assim intercede pelos pecadores e os isenta, alcança perdão e livra das penas que seus pecados merecem? Por isso, a vós recorre o que está aflito, o que se sente agraviado. E o que se encontra em angústia e batido nas furiosas ondas deste mar tempestuoso, olha para vós como seu norte e estrela refulgente para que o guieis e o leveis ao porto. Todas as vossas coisas, Virgem santíssima, são admiráveis, tão sobrenaturais e imensas que excedem a nossa capacidade e, por isso, não admira que não possamos compreender as vossas graças e favores.* E, visto que em todos os nossos trabalhos e necessidades a Virgem está sempre pronta e preparada para nos socorrer e ouve as nossas preces, mais ainda, particularmente, no tempo de maior necessidade. E, sobretudo, na hora da nossa morte e agonia, quando a candeia da vida e a virtude se vão apagando e, pela fraqueza do corpo e agitação da alma e zelo dos demónios que por todos os lados, como leões famintos, a cercam e a tentam, pretendendo que perca eternamente a Deus, há maior necessidade do favor e patrocínio da Virgem santíssima. E ela, sem dúvida, socorre naquele transe da morte, aos que na vida, com rectidão, se lhe encomendaram. E aos que se tendo esquecido antes, então se lembram e com arrependimento recorrem ao seio da sua piedade. Por isso, no fim da Avé-Maria, a Igreja acrescenta aquelas palavras: *Rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte.* E Santo Efrém, falando da Virgem, diz: *Estai sempre comigo, ó Virgem misericordiosa, e dai-me a vossa ajuda nesta vida presente e guardai a minha alma quando estiver para morrer, lançando e afastando de mim, a tenebrosa visão dos demónios e, no dia do juízo, livrai-me da sentença horrível e assombrosa da condenação eterna.*

## **8. A piedade**

Tenhamos, pois, todos, uma arreigada e especial devoção a esta Princesa do Mundo, Rainha do Céu e Mãe do Filho unigénito de Deus. Acudamos a ela nas nossas necessidades, ofereçamos-lhe os nossos corações e desejos, sirvamo-la para que alcancemos as suas misericórdias e imitemos as suas virtudes. Alegremo-nos nela e saudemos a sua subida ao céu e glória que obteve neste dia, sendo honrada acima de tudo o que não é Deus. E, colocada num trono de tão alta majestade e grandeza e a sua glória, não diminuiu a sua misericórdia, mas aumentou tanto mais quanto, na essência divina, vê mais e distintamente as nossas misérias e, acesa daquele fogo divino, mais quer aplacar.

Da Assunção de nossa Senhora, escreveram muitos autores gregos e latinos: S. João Damasceno, André de Creta, Metafraste, Nicéforo, S. Bernardo, Absalão, abade, Pedro Damião, Honório Augustodunensis, Guerrico, Abade Ignacense, Lourenço Justiniano, e outros que o cardeal Barónio refere.

São João Damasceno e Nicéforo (c.758-828) apresentam o relato que Juvenal, Patriarca de Jerusalém (422-458), fez ao imperador Marciano (392-457) e à imperatriz Pulquéria, sua

mulher, que edificaram em Constantinopla um sumptuoso e magnífico santuário em honra da Virgem e desejaram trazer, para ele, o seu corpo sacratíssimo para ornamento e amparo daquela cidade e de todo o império. E, comunicando este desiderato ao imperador Juvenal, lhe deu conta que, por tradição antiga e verdadeira se sabia que o corpo da Virgem tinha ressuscitado.

Nicéforo Calixto (1256-1335) diz que a Festa da Assunção de Nossa Senhora foi instituída no tempo do imperador Maurício (Flavius Mauricius Tiberius Augustus, 539-602) e que a mandou fazer, não pelo facto do imperador a instituir, mas porque tendo sido antes instituída pela Igreja ele a mandou promulgar e celebrar no Oriente. Deste modo, S. Bernardo, ao escrever aos cônegos de Lião, diz que recebeu da Igreja esta solenidade, de que fala S. Gregório, papa (590-604), e tem Prefácio próprio no seu Sacramentário. E Nicolau I, papa (858-867), falando dos jejuns que a Igreja romana costumava observar, no passado, refere o da Vigília desta festa. Por aqui se vê que era antiga e que era costume celebrar-se em Roma, com especial e grande solenidade e nosso Senhor nela concorria com grandes e especiais milagres. E Pedro, o venerável, de Cluny (1122-1156), contemporâneo de S. Bernardo, a ela se referia dizendo que os romanos costumavam apresentar à Virgem, na vigília da Assunção, uns círios enormes e acendê-los na hora de Vésperas os quais ardiam até ao dia seguinte e, acabada a Missa, eram pesados e se verificava que tinham o mesmo peso que antes de terem sido acesos, sem nada gastar, nem diminuir. Isto nos mostra que o que se gasta no serviço desta santíssima Virgem, agrada a Deus e não se perde.

Advirta-se que o Papa Gelásio (492-496) dá por apócrifo o livro do Trânsito da santíssima Virgem, dado que não se nomeia o autor que o escreveu e crê-se que este apócrifo é o que leva o título de Melinton (+180), bispo de Sardes, embora não seja o autor. E S. Jerónimo referindo os livros que Melinton (séc. II) escreveu, não menciona este, como indigno de tão grande varão. Também se deve advertir que Usuardo (+875) e Adão, nos seus martirólogos, falam de tal modo da morte da Virgem que parece que põem em dúvida que ressuscitou e está de corpo e alma no Céu, equivocados por uma epístola que, com o nome de S. Jerónimo, terá sido enviada a Paula e Eustóquio. Mas essa epístola nem é de S. Jerónimo (Eusebius Sophronius Hieronymus), nem de Sofrónio (560-638), mas de outro autor mais moderno, fingida e publicada, com o nome de Jerónimo para lhe dar mais autoridade e como prova o cardeal Barónio, refutando o que nela se diz.

Consta que o sepulcro da Virgem esteve numa aldeia de Getsémani, no Vale de Josafat, até que, no tempo de Vespasiano (9-79) e Tito (39-81), Jerusalém foi destruída e toda a Judeia arruinada e se perdeu a memória dele, entre os Fiéis e deixou de se saber onde estava. S. Jerónimo (347-420), referindo as sepulturas de muitos santos patriarcas e profetas que, no seu tempo, estavam na Palestina e, visitando Santa Paula (347-404), com grande devoção, não fez menção do sepulcro da Virgem, como algo de que, já então, não haveria notícia. Mas, depois, parece que se encontrou e que Burcardo (Johannes Burckardt 1445 /1450-1506) que o viu e disse que, com as ruínas dos outros edifícios, estava tão coberto e afundado que seria necessário baixar quase sessenta degraus de escada. Beda (672-735) escreveu que, no seu tempo, estava vazio. Ainda no séc. XVIII se testemunhava a existência do túmulo, cortado numa pedra, confirmado pelos peregrinos que iam aos lugares santos de Jerusalém.

## II. ICONOGRAFIA

### A Fé do povo e o dogma

Até fins do séc. XIII desapareceu o tema da Ressurreição da Virgem e foi substituído pela Assunção. No Evangelho, não se fala da Assunção da Virgem. Trata-se de uma lenda tardia, reproduzida, no séc. VI, do arrebatamento do profeta Elias e da Ascensão de Cristo. No séc. VIII, a Igreja de Roma retinha a Assunção corporal da Virgem como opinião piedosa e não como dogma. Diferentemente, os bizantinos preferem, em vez de Assunção, Dormição (Koimesis). Foi, por ocasião do Ano santo de 1950, quando o Papa Pio XII proclamou o dogma da Assunção<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> *Era necessário satisfazer os desejos dos peregrinos. Mas, desse modo, não se correrá o perigo de aprofundar as diferenças que separam os protestantes dos católicos, e ser obstáculo à tão desejável união das igrejas cristãs debilitadas por suas divisões e ameaçadas pelos progressos do Islão?*

## O desenvolvimento do tema

A expressão *Assunção* é significativa: opõe-se a *Ascensão*, como o passivo ao activo. Isto é, a Virgem não ascende ao céu por seus meios próprios, como Cristo, mas é elevada ao Paraíso sobre as asas dos anjos.

### 1. Da Assunção da alma à do corpo

A arte bizantina representa a *Assunção da alma da Virgem*, recolhida por Cristo no seu leito de morte. Na arte do Ocidente, a sua Assunção corporal deu-se no túmulo onde os apóstolos a tinham sepultado. Assim, importa distinguir, em iconografia, a Assunção da alma da Virgem, em forma de menina e a Assunção do seu corpo glorioso. Por isso se denomina *Assumptio animae* (Seelenaufnahme) e *Assumptio corporis* (Himmelfahrt des wider-beseelten Leibes). Cristo veio e trouxe a sua alma que se uniu novamente com seu corpo. A Virgem, em atitude de orante, é elevada, com as mãos unidas, numa *mandorla* (caixilho em forma de amêndoa) por anjos, por cima do túmulo aberto, à volta do qual se reúnem os apóstolos. O túmulo está, ou vazio, ou cheio, como floreira fúnebre, de lírios e rosas brancas que, segundo S. João Damasceno, exalavam um aprazível perfume.

Certas fórmulas usuais, no século XII, são particularmente originais. Numa miniatura de um manuscrito de Glasgow, vê-se a Virgem subir ao céu em forma de múmia envolta em faixas, como vapor branco que sobe por uma chaminé cujas paredes eram anjos. Num baixo-relevo de Autun representa-se a Virgem vaziar a abóbada da arca fúnebre como Cristo que atravessa a porta do sepulcro selado sem quebrar os selos. Para ser protegida de eventuais ataques de demónios, durante o trajecto, por vezes, a Virgem ressuscitada aparece escoltada pelos arcanjos Miguel e Gabriel, que a defendem dos poderes do Inferno. De forma excepcional, Maria apresenta-se *sentada*, como se pode ver num baixo-relevo esculpido por Donatello para o túmulo do cardeal Brancacci, em Nápoles.

Embora a **Assunção** represente a *subida da Virgem ao céu* e a **Imaculada Conceição** a sua *descida à terra*, era inevitável que se produzisse influência mútua de ambos temas. Por influxo das Ladainhas de Loreto, a Virgem da Assunção, geralmente, é representada de pé, sobre um crescente da lua, com a fronte cingida por doze estrelas, como a mulher do Apocalipse. Deste modo, a *Assunta* tende a confundir-se com a *Imaculada*.

O *Speculum Humanae Salvationis* (1324-1500) expõe, com pormenor, esta representação da Virgem, copiada da mulher do Apocalipse, com os pés sobre um crescente da lua e a cabeça coroada de estrelas. A Mulher apocalíptica que escapa ao dragão é a imagem da Virgem elevada ao céu. A lua que pisa é o símbolo das coisas que mudam, do inferior mundo terreno. As doze estrelas que iluminam a sua cabeça lembram os doze apóstolos reunidos à volta do seu leito, no momento da sua morte.

### 2. Transformação da Assunção em Ascensão

Devido a outra confusão iconográfica, a Assunção perde o seu carácter original para se converter em *Ascensão*. Em vez de ser elevada ao céu por anjos, a Virgem sobe, sozinha, com os braços estendidos, perante o assombro dos apóstolos (os anjos que a rodeiam limitam-se a fazer parte do cortejo). Por vezes até se representa com grandes asas de águia, como as que o Apocalipse atribuiu à mulher perseguida pelo dragão. Esta transformação consumou-se na arte italiana do século XVI. O mais célebre exemplo desta *Ascensão da Virgem*, que já não justifica o nome de *Assunção*, é o grande quadro de altar pintado por Tiziano, em 1518, para a igreja dos Frari de Veneza. Contudo, esta nova fórmula não eliminou completamente a antiga. No século XVII, Guido Reni e Poussin fazem subir a Virgem por meio de grandes anjos.

## Temas avulsos

### *O milagre das flores no túmulo vazio*

**It.:** Gli Apostoli intorno al sepolcro vuoto e fiorito di Maria. **Al.:** Das Blumenwunder im leeren Grab.

Os apóstolos comprovam que o sarcófago, onde a Virgem foi sepultada, está vazio e cheio de flores. Este episódio imita, em paralelo, o da visita das santas mulheres ao sepulcro vazio de Cristo vazio, onde um jovem vestido de branco diz que Cristo ressuscitou.

### *O cinturão sagrado*

**Lat.:** Zona Beatae Mariae Virginis. **It.:** La Madonna della Cintola, La Vergine che porge la cintura a san Tommaso. **Fl.:** La Vierge laisse tomber sa ceinture pour convaincre saint Thomas de son Assomption. **Ingl.:** The Madonna of the Girdle, dropping the Holy Girdle to Thomas. **Al.:** Die Gürtelspende an den Apostel Thomas; Maria spendet den Gürtel an Thomas.

Outra inovação da arte italiana foi acrescentar, ao tema da Assunção, a legenda de S. Tomé, o apóstolo incrédulo, que teria recebido o cinturão da Virgem, deixado cair, para convencê-lo da realização deste milagre. No tempo em que se difundiu a mudança da Assunção em Ascensão na arte cristã, a iconografia do cinturão sagrado da Virgem manteve-se, sobretudo, na Toscana. Tal devoção focalizava-se em Prato, próxima de Florença, onde, desde o século XII, se venerava a *Sacra Cintola*. Isto explica que se trate de um motivo muito frequente na escola

florentina, onde é emblema das Associações toscanas. A fonte desta legenda, acrescentada, a par da Aparição de Cristo ressuscitado, ao apóstolo Tomé, é o *arreatamento do profeta Elias*, que, desde o alto do seu carro de fogo, lança o seu manto mágico ao seu discípulo Eliseu. Supôs-se que o estreito cinturão, em forma de cordão, apanhado por S. Tomé, materializado pela imaginação popular, era o vínculo místico que unia a Virgem com os apóstolos. Mas, certamente, a origem bíblica é mais verosímil.

Segundo outra versão difundida, o apóstolo Tomé encontrava-se só, no monte das Oliveiras, e viu uns anjos que elevavam o corpo da Virgem ao céu. Suplicou-lhe que lhe deixasse um sinal e a Virgem deixou cair o seu cinturão. Depois, reunindo-se com os apóstolos, assegurou-lhes que o cadáver da Virgem já não estava no túmulo. Abrindo o túmulo viram que assim era: estava vazio. Tomé contou, então, que viu a Virgem elevar-se ao céu e mostrou, como prova, o cinturão que tinha, nas mãos. De acordo com outra tradição, S. Tomé chegou atrasado, uma vez mais, embora viesse da Índia, circunstância atenuante, para contemplar o rosto da Mãe do Redentor, mandou abrir o túmulo. O corpo tinha desaparecido e o sarcófago só tinha a mortalha que exalava um perfume celestial. Os apóstolos concluíram que a Virgem tinha ressuscitado. Mas, Tomé permanecendo céptico, então, a Virgem, para o convencer, deixou cair o seu cinturão, do alto do céu. Deste modo, no primeiro caso, Tomé recebe o cinturão sem testemunhas e, no segundo, tem a presença dos apóstolos. A *Madonna della Cintola* diferencia-se da *Assunta* porque a primeira olha para baixo, onde se encontra S. Tomé, em vez de lançar o olhar para o céu.

### **Catálogo**

#### **I. A Virgem é elevada por anjos**

**Lat.: Assumptio sanctae Mariae. It.: La Vergine recata in cielo dagli Angeli. Fr.: Vierge est enlevée par des anges.**

**Séc. VIII:** Tela de linho bordada. Tesouro da catedral de Sens. // **Séc. IX:** Placa de marfim de Tuotilo. S. Gall. A Virgem representada em atitude orante. // **Séc. XI:** Miniatura das Perícopes de Henrique II (Escola de Reichenau), Biblioteca Munique. A Virgem representada num tondo, orante, com as mãos elevadas. // **Séc. XII:** Capitel de Notre Dame du Port. Clermond Ferrand. Anjos, segurando estandartes, abrem as portas do Paraíso, que se assemelha a uma igreja fortificada. / Baixo-relevo de Autun. A Virgem rompe a abóbada do seu sepulcro, como Cristo atravessou a porta selada do seu túmulo sem destruir os selos. // **Séc. XIII:** Tímpano da catedral de Magdeburgo. Assunção realista. Os apóstolos, que assistiram à morte de Maria, para acender os seus turibulos trazem um fogareiro que ocupa o centro da composição. Para elevar com mais comodidade a Virgem ao céu, onde a esperam o Pai e o Filho, os anjos usam uma maca. // **Séc. XIV:** Baixo-relevo inscrito num quadrifólio. Muro norte do presbitério de Notre-Dame de Paris. A Virgem numa mandorla é elevada por anjos. / Lippo Memmi. Pinacoteca Munique. // **Séc. XV:** Donatello. Baixo-relevo do túmulo do cardeal Brancacci. S. Angelo em Nilo. Nápoles. A Virgem está sentada. / Masolino. Pinacoteca Nápoles. A mandorla é substituída por uma dupla coroa de anjos. / Filippino Lippi. Fresco em Santa Maria sopra Minerva. Roma. / Vecchieta. Catedral de Pienza. Aos pés da Virgem há uma graciosa roda de anjos músicos. / Giovanni di Paolo. Colegiada de Asciano. / Mantegna. Fresco dos Ermitãos, Pádua. A Virgem, levada por anjos meninos (putti), está envolvida num arco de triunfo. / Livro de Horas de Gian Galeazzo Visconti, Milão. / Jean Fouquet. Horas de Étienne Chevalier, Chantilly. / Taddeo di Bartolo. Siena. / Mestre da Vida de Maria. Munique. Cristo recebe com suas mãos a Mãe. // **Séc. XVII:** Puget. Estátua de mármore encomendada pela família patrícia dos Brignole para o Hospício (Albergue dos Pobres) de Génova. De pé sobre um crescente de lua, a Virgem é elevada por um enxame de anjos alados. Com os braços estendidos, dirige a vista para as alturas, enquanto a Imaculada Conceição, do mesmo artista, que se encontra no Oratório de S. Felipe Neri em Génova, tem as mãos cruzadas sobre o peito e olha para a terra. / Peter Spring. Altar-mor da igreja dos Agostinhos de Friburgo (Suíça). Anjos músicos de madeira entalhada. C. 1600.

#### **II. A Virgem sobe sozinha**

**Séc. XV:** Perugino. // **Séc. XVI:** Tiziano. A Virgem eleva o olhar para o céu, 1518. Igreja de Santa Maria dei Frari. Veneza. - Catedral de Verona, 1525. / Correggio. Cúpula da catedral de Parma. / Danièle de Volterra. Fresco de Santa Trinità dei Monti, Roma, 1552. / Dürer. Retábulo Heller (destruído), 1508. Xilografia da Vida da Virgem. / Riemenschneider. Retábulo de madeira entalhada de Creglingen, 1510. / Andreas Morgenstern. Retábulo da abadia de Zwettl (Áustria), 1516-1526. / Retábulo de mármore da igreja de Brou. A Virgem está de pé sobre um crescente de lua. Tipo da Imaculada Conceição. Vitral da igreja de Brou. A cena está dividida em dois registos. Os apóstolos inclinam-se sobre o túmulo aberto, cheio de flores; em cima, a Virgem sobe ao céu. / Escultura da capela da Virgem em Solesmes, c. 1540. // **Séc. XVII:** Mateo Cerezo. Museu do Prado. / Guido Reni. Igreja de S. Ambrósio. Génova. / Annibale Carracci. Museu do Prado. / Rubens. O artista tratou o tema doze vezes. Transformou a Assunção em triunfo, em apoteose. Agrega três Santas Mulheres (Maria Madalena, Maria Cleofas e Maria Salomé) que teriam lavado e amortilhado o corpo da Virgem, ao grupo dos apóstolos reunidos em volta do túmulo. Museu de Bruxelas (c. 1620), Viena y Düsseldorf. Altar-mor da catedral de Amberes, 1626. Galeria Liechtenstein, Vaduz. / G. de Crayer. Museu de Dijon. / Rembrandt. 1636. Pinacoteca Munique. / Philippe de Champaigne, 1643 Museus de Marselha e de Grenoble. / Poussin. Pinacoteca Munich. Charles de La Fosse. Fresco da cúpula da igreja da Assunção, Paris. / Murillo. Ermitage. Museu do Prado. // **Séc. XVIII:** François Lemoyne, 1718. Igreja de Saint Julien, Chateuil (Haute Loire)<sup>15</sup>. / G. Piazzetta. Grande quadro de altar. Museu de Lille. / Bridan. Grupo de mármore, Altar-mor da catedral

<sup>15</sup> *Quadro encomendado pelo duque de Antin. Lemoyne tinha tomado a sua mãe como modelo. Tendo enlouquecido, mandou queimar ou destruir a pintura, «porque foi sacrilégio retractar a própria mãe que, por isso, sofre nas chamas do Purgatório».*

de Chartres. / Pierre. Fresco da cúpula da capela da Virgem, na igreja de Saint Roch, Paris. / Maulbertsch. Fresco de Schwechat, próximo de Viena, 1765. Rubens o grupo das Santas Mulheres. / Francesco de Mura. Tecto da igreja da cartuxa de S. Martinho, Nápoles, 1751. Esboço na Pinacoteca de Nápoles. / Egid Quirin Asam. Grupo monumental de estuque que decora o altar-mor da colegiada de Rohr (Baviera), 1722. Os apóstolos gesticulam ao redor do túmulo vazio: um deles recolhe uma rosa que o leva ao céu, onde a Virgem é coroada pela Santíssima Trindade. Obra-mestra da escultura barroca do sul de Alemanha.

### III. O cinturão sagrado

**Séc. XIII:** Fresco de Spoleto. // **Séc. XIV:** Agnolo Gaddi. Fresco na capela da Cintola, em Pieve de Prato, 1355. / B. Daddi. Galeria Prato. / Orcagna. Baixo-relevo do tabernáculo de Or San Michele. Florença. / Fresco de Nagoricino (Serbia), 1317. // **Séc. XV:** Benozzo Gozzoli, 1450. Pinacoteca Vaticana. / Matteo di Giovanni, 1474. Nat. Gall., Londres. / Mainardi, 1495. Santa Croce, Florença. / Artista primitivo borbonês. Quadro votivo da Vida da Virgem. Igreja de Notre Dame de Montluçon. Santo Tomé estira os braços para receber o cinturão da Virgem que sobe para o céu. // **Séc. XVI:** Sodoma. Oratório de S. Bernardino de Siena, 1518.

### IV. A coroação da Virgem

**Lat.: Coronatio Mariae. It.: Incoronazione della Vergine, L'Incoronata. Fr.: Le Couronnement de la Vierge. Ingl.: The Coronation (Enthronement) of the Virgin. Al.: Die Krönung Mariä. Hol.: De Kroning van Maria. Rus.: Koronovanie Presv Devi.**

Este motivo tão popular da arte cristã é completamente estranho às Escrituras. A sua fonte é um relato apócrifo atribuído a Méilton, bispo de Sardes, que foi popularizado no século VI por Gregório de Tours e, no século XII por Tiago de Voragine, na *Legenda Dourada*. Convém prevenir uma confusão cometida, com frequência, entre Coroação e Glorificação da Virgem. Num mosaico bizantino do século VI, que se encontra na basílica de Parenzo (Porec) na Ístria, vê-se a mão de Deus sustentando uma coroa acima da cabeça da Virgem, que reina com o Menino Jesus sobre os joelhos. Por outro lado, um quadro muito conhecido do Museu de Colónia, pintado c. 1460, por um mestre anónimo, chamado *Mestre da Glorificação da Virgem* (Meister der Verherrlichung Mariä), apresenta a Virgem sentada sobre um trono, coroada por dois anjos, entre Deus Pai e (a pomba) o Espírito Santo, e sobre ela, Cristo simbolizado pelo Cordeiro que verte o seu sangue num cálice. Apesar das aparências, estas representações não fazem parte da iconografia da Coroação, porque a Virgem *com o Menino Jesus sobre os joelhos*, nunca aparece assim na cena da Coroação, onde Cristo, que é quem a entroniza no céu, é sempre representado como adulto.

### A origem francesa do tema

Importa esclarecer este ponto, visto que é precisamente o mosaico de Parenzo que certos iconógrafos alegaram como prova da origem bizantina da Coroação. De facto, não compreenderam que se tratava de uma glorificação simbólica e temporal da Mãe de Deus, representada como Virgem Majestade e não uma cena da Coroação, acontecimento da vida celeste da Virgem que se segue imediatamente à sua Assunção. Na realidade, se a *Dormição* tem a marca de Bizâncio e a *Assunção o selo italiano*, a *Coroação da Virgem* parece uma criação da arte francesa do séc. XII e, porventura, mais precisamente, uma criação de Suger, como imaginou Émile Mâle<sup>16</sup>. Seja como for, este é um motivo próprio da arte do Ocidente que nada deve aos modelos bizantinos: trata-se de um caso bastante excepcional e, por isso, merece ser assinalado. E, sem qualquer dúvida, foi na escultura francesa da Idade Média, nos tímpanos de Senlis e de Notre Dame de Paris, mais tarde, na porta do castelo de La Ferté Milon, onde atingiu o seu completo desenvolvimento.

O simbolismo prefigurativo associa a Coroação da Virgem com duas prefigurações do Antigo Testamento: Betsabé, convidada por seu filho Salomão sobre um trono à sua direita. Ester, elevada à dignidade de rainha por Assuero. Mas a mulher coroada de estrelas do Apocalipse também serviu de protótipo da rainha dos céus.

### A evolução do tema

A muito interessante evolução deste tema iconográfico pode resumir-se ou esquematizar-se do seguinte modo: 1. A Virgem, já *coroada*, está sentada à direita de Cristo que a abençoa. É a fórmula empregada na arte do século XII (Senlis)<sup>17</sup>. // 2. A Virgem é *coroada por um anjo*. O exemplo mais conhecido deste segundo tipo, adoptado, no primeiro terço do século XIII, é o tímpano de Notre Dame de Paris. // 3. A Virgem é *coroada por Cristo*. Aqui importa diferenciar três variantes. Nos séculos XIII e XIV, a Virgem está sentada (Reims); nos começos do século XV, está ajoelhada diante do seu Filho (La Ferté Milon). Por uma singularidade iconográfica única, na escultura da Idade Média, está representada de pé no tímpano da portada pintada da catedral de Lausana. // 4. A Virgem é *coroada por Deus Pai*. **Ingl.: The Virgin crowned by the Eternal Father.** Esta fórmula pode ver-se especialmente na pintura italiana do século XV (Filippo Lippi. Botticelli). // 5. A Virgem é *coroada pela Trindade*. **Ingl.: The Virgin crowned by the Trinity, The Enthronement of the Virgin by the three Persons of the Trinity. Al.: Die Krönung Mariä durch die Dreienigkeit, die drei göttlichen Personen.** Este tipo que aparece em Espanha, Itália e França, desde princípios do século XV (Pedro Nicolau. 1410; Antonio Vivarini, 1444; Enguerrand Quarton, 1453<sup>18</sup>), predominou em

<sup>16</sup> O mosaico de Santa Maria de Trastevere, em Roma, é muito diferente dos tímpanos de Senlis e de Chartres. Não se trata da Coroação da Virgem, mas da *Bênção da Igreja*. Enquanto ao capitel, muito grosseiro e mutilado, procedente da abadia de Reading, não é suficiente para atribuir a este tema uma origem inglesa. Em todo o caso, essa peça mais não seria que um balbucio.

<sup>17</sup> A fórmula reapareceu nos finais do século XV, num retábulo de S. Wolfgang, de M. Pacher. A expressão da «Coroação» aqui, resulta inapropriada; seria mais exacto dizer a *Glorificação da Virgem*.

<sup>18</sup> Este tipo não é de origem alemã, como pretende Künstle (U., pág. 572), pois que os exemplos alemães mais antigos remontam a finais do século XV.

toda a arte europeia até ao século XVII. A Santíssima Trindade está representada mediante três pessoas semelhantes ou diferentes. O Espírito Santo geralmente tem forma de *pomba*. Às vezes Cristo está sozinho, mas designado como representante da Santíssima Trindade, pelas três coroas que os querubins de asas douradas mantêm sobre a sua cabeça. Assim, em cada etapa, ascende a dignidade da Virgem: no princípio é coroada por *um anjo*, depois por *Cristo*, por *Deus Pai* e, finalmente, pela *Santíssima Trindade* completa que se mobiliza para admiti-la em seu seio. Este crescendo iconográfico é uma confirmação impressionante do progresso da mariolatria. Às personagens essenciais e indispensáveis somam-se, para mais acentuar e destacar a solenidade da Coroação, assistentes da corte celeste, anjos, serafins e querubins, e mesmo santos, introduzidos (apesar do anacronismo), por causa da sua devoção, particularmente ardente, à Virgem. São, quase sempre, S. Bernardo, S. Francisco de Assis e Santo António de Pádua. Fra Angelico acrescenta os apóstolos e os evangelistas, e, naturalmente, os santos da sua Ordem: S. Domingos, S. Pedro Mártir e S. Tomás de Aquino. A Assunção e a Coroação, com frequência estão sobrepostas e até fundidas no mesmo retábulo ou na mesma tela: os dois temas estão estreitamente relacionados. No gravado de Dürer confundem-se num só.

### *Catálogo*

#### *I. A Virgem, já coroada, é abençoada por Cristo*

**Século XII:** Vitral desaparecido de Notre Dame de Paris, doado pelo abade Suger. / Vitral da catedral de Angers. / Tímpano da catedral de Senlis, 1190. Esta composição foi imitada na colegiada de Mantes e na igreja de Notre Dame Longpont. / Baixo-relevo do trascoro (coro no centro da nave) da igreja de Vezzolano (Piamonte). c. 1190 // **Século XIII:** Mosaico da ábside de Santa Maria de Trastevere, erroneamente datado em 1143. Uma mulher está sentada sobre um trono, ao lado de Cristo, que a abraça e apoia a mão sobre o seu ombro. Aqui não se trata da Coroação da Virgem, mas da Glorificação da Esposa do Cântico dos Cânticos, que diz: Está a sua esquerda debaixo da minha cabeça e a sua direita me abraça. // **Século XVI:** Hans Burgkmair, 1507. Galeria de Augsburg.

#### *II. A Virgem coroada por um ou dois anjos*

**Século XIII:** Tímpano da portada norte da fachada de Notre Dame de Paris, c. 1220. / Portada lateral da catedral de Lausana. Um anjo leva a Cristo a coroa que colocará sobre a cabeça da Virgem. É a transição entre a segunda e a terceira fórmula. / Portada norte de Notre Dame de Tréveris. A Virgem está de pé entre Cristo e o arcanjo S. Miguel que lhe põe a coroa na cabeça. / Baixo-relevo de um pilar angular do claustro de Silos. A Coroação está associada à Anunciação. A Virgem que recebe a mensagem de Gabriel é coroada por dois anjos. // **Século XV:** Tríptico da catedral de Moulins.

#### *III. A Virgem é coroada por Cristo*

*A Virgem está sentada:* **Século XIII:** Tímpano da portada central norte do cruzeiro. Catedral de Chartres. / Tímpano da portada da igreja de S.to Yved de Braisne (Aisne). / Gablete de portada da Calenda. Catedral de Ruão. / Tímpano da portada da Virgem. Catedral de Bourges. Contra as regras iconográficas, a Virgem está sentada à esquerda de Cristo<sup>19</sup>. / Gablete da catedral de Reims. O grupo original, muito degradado, em 1954 foi substituído pelo escultor Saupique. / Tímpano do cruzeiro da catedral de Estrasburgo. / Tímpano da igreja de Kaysersberg (Alsácia). O grupo está rodeado pelos arcanjos Miguel e Gabriel. / Marfim policromado parisiense. Louvre. / Tímpano da portada da catedral de Toro (Zamora). / Jacopo Torriti. Mosaico da ábside de Santa Maria Maior, Roma, 1290. / Pintura da ábside da igreja de Vernais (Cher). Cristo coloca a coroa sobre a cabeça da sua mãe que se inclina com as mãos unidas. // **Século XIV:** Giotto. Fresco da Arena de Pádua. – Pintura da igreja de Santa Croce. Florença. / Orcagna. Nat. Gall., Londres. / Spinello Aretino, 1384; Siena. / Bartolo di Fredi. Gal. de Montalcino. / Escola austríaca. Pintura do retábulo de Verdun na abadia vienense de Klosterneuburg, 1330. // **Século XV:** Jacquemart de Hesdin. As muito belas horas de Nossa Senhora (Très Belles Heures de Notre-Dame). Ant. Col. Maurice de Rothschild. B.N., Paris. / Fra Angelico. Convento de S. Marcos, Florença. A Virgem sentada inclina-se para receber a coroa. / Francesco di Giorgio. Quadro pintado em 1471 para a igreja de Monte Olivetto Maggiore, Siena. / Carlo Crivelli. 1493. Brera. / Andrea della Robbia. Baixo-relevo de terracota no convento da Osservanza, próximo de Siena. / Giovanni Bellini. Grande retábulo de Pesaro. A cena ocorre em terra. Cristo coloca a coroa sobre a cabeça da Virgem que, sentada no mesmo trono, se inclina cruzando los braços. Nos flancos, S. Pedro e S. Paulo, S. Jerónimo e S. Francisco. / Retábulo. Igreja de S. Lourenço. Nuremberga. // **Século XVI:** Bernardino Fungai. Igreja de Fontegiusta e igr. dos Servos de Maria (1500), Siena. / Girolamo del Pacchia. Igreja do Espírito Santo. Siena. /// 2. *A Virgem está ajoelhada:* **Século XV:** Alto-relevo do castelo de La Ferté Milon, c. 1405. / Mestre francês. Hada 1410. Museu Berlim. / Pol de Limbourg. Miniatura das “Muito Ricas Horas do duque de Berry”, c. 1415. Museu Condé, Chantilly. Querubins de asas douradas sustêm coroas sobre a cabeça de Cristo que abençoa a Virgem. / Fra Angelico, c. 1430. Louvre. // **Século XVI:** Moretto. 1530. Igreja de S. Nazário e S. Celso, Brescia. /// 3. *A Virgem está de pé:* **Século XIII:** Tímpano da portada pintada da catedral de Lausana. A Virgem caminha para Cristo que reina numa mandorla e que com a mão esquerda toma a coroa que um anjo lhe apresenta sobre um véu.

#### *IV. A Virgem é coroada por Deus Pai:*

**Século XV:** Filippo Lippi. Quadro da Academia de B.A. de Florença, 1447. – Fresco do coro da catedral de Espoleto. 1467. / Botticelli, 1490. Ronda dos anjos semeando flores. Uffizzi. / M. Pacher. Retábulo de S. Wolfgang (Alta Áustria). 1481. Maria está ajoelhada diante de Deus Pai que a coroa no instante em que Cristo encarna no seu

<sup>19</sup> Pode acontecer que se ajuste à orientação: da assembleia ou de quem preside. (nota do tradutor).

ventre. A coroada é a Virgem eleita para ser a Mãe do Redentor e não, como o costume, a Virgem depois da morte e Assunção.

#### V. A Virgem coroada pela Santíssima Trindade

**Século XV:** Pedro Nicolau de Albentosa. Escola de Valencia, c. 1410. Museu de Cleveland. / Antonio Vivarini e Giovanni d'Alemanha, 1444. Igreja de S. Pantaleão, Veneza. / Enguerrand Quarton. 1453. Hospício de Villeneuve. Avinhão. / Horas de Luísa de Saboya. Deus Pai e Cristo estão cobertos com uma enorme tiara, na forma de um baldaquino. / Jean Fouquet. Miniatura das Horas de Étienne Chevalier, Chantilly. Cristo separa-se do grupo da Trindade para coroar a Virgem ajoelhada. Sobre a sua sede deixou o globo que tinha na mão; os anjos, formados, fazem guarda. / Tapeçaria do tesouro de Sens. A Virgem está coroada no meio das suas duas prefigurações, Betsabé y Ester. / Borgonha. Fresco da ábside de S. Simpliciano, Milão. / Pietro Pollaiuolo. Colegiada de S. Gimignano. / M. Pacher. Retábulo de Gries, 1475. Pinacoteca Munique. / Vitral. Igreja de S. Gommaire de Lierre. / Gablete da igreja de S. Riquier. A virgem está ajoelhada entre Deus Pai e Cristo de pé, sobrevoado pela pomba do Espírito Santo. Dois anjinhos seguram a coroa real sobre a sua cabeça. // **Século XVI:** Rafael. Pinacoteca Vaticana. / Veronese. 1555. Igreja de S. Sebastião, Veneza. / El Greco. Igreja de Illescas. / Jean de Beauce, c. 1520. Trascoro de Chartres. / Tímpano da portada da igreja de Verrières (Aube), 1530. / Dürer, Xilografia do ciclo da Vida da Virgem (1510). **A Assunção e a Coroação juntas.** / Vitral (segundo um gravado de Dürer) da igreja de Brou, prox. de Bourg-en-Bresse. / Hans Baldung Grien. Retábulo de Friburgo, Brisgau (Suíça) 1515. / Mestre H.L. Retábulo de madeira entalhada. 1526. Igreja de Vieux Brisach. // **Século XVII:** Rubens. Louvre. Bruxelas, Berlim. / Velázquez. Cúpula de S. André della Valle. / Cignani. Cúpula da catedral de Forlì, 1686. / Altar-mor da igreja peregrinação da Santa Trindade, em Gössweinstein (Francónia).

### Os milagres da Virgem

**It.: I Miracoli della Vergine. Fr.: Les Miracles Notre-Dame. Ingl.: The Miracles of the Blessed Virgin Mary. Al.: Die Wunder Unserer Lieben Frau.**

Em hagiografia, não existem muitos exemplos de santos que não tenham feito algum milagre em vida, mas unicamente, após a sua morte. É o caso da Santíssima Virgem, cujos milagres são *todos póstumos*. Foi, exclusivamente, taumaturga além-túmulo. Muitos desses milagres estão registados, a partir do século VI em *Gloria Martyrum*, de Gregório de Tours. Foram popularizados no século XIII por Gautier de Coincy, prior de Vic sur Aisne, prox. de Soissons, que pôs em verso os *Milagres de Nossa Senhora* (Miracles Notre-Dame<sup>20</sup>), pelo *Speculum Maius* de Vicente de Beauvais e pela *Legenda Dourada*, pelo teatro religioso dos autos sacramentais, especialmente, *O Milagre de Teófilo* (*Le Miracle de Théophile*) de Rutebeuf, e também pela pregação. A ilustração mais completa deste ciclo legendário encontra-se nos vitrais de Mans (século XIII), nas encantadoras miniaturas de grisalha do século XV que adornam o manuscrito dos *Miracles Nostre Dame*, compilados por Jean Miélot, secretario do duque de Borgonha Felipe, o Bom. Em Espanha, as *Cantigas de Santa Maria* do rei de Castela Afonso X, o Sábio, foram ilustradas no *Manuscrito de Toledo* que se encontra na Biblioteca de Madrid e em dois manuscritos do Escorial. Em Inglaterra, importa assinalar os frescos da capela do colégio de Rton, pintadas em estilo flamengo por William Baker c. 1485. Para além dos milagres que tiveram lugar no Oriente, atribuíram-se à Virgem milagres *locais* em diferentes países do Ocidente, destinados a glorificar a fundação de um santuário ou a dotar um centro de peregrinação. Nesta série de Aparições, a mais antiga é a de *Santa Maria das Neves*, sobre a colina do Esquilino, onde se levantou a basílica de Santa Maria Maior. A *Traslação da casa da Virgem para Loreto* e a Aparição da *Virgem do Pilar* em Saragoça, pertencem à mesma categoria. Uma das mais recentes é a da *Gruta de Lourdes*.

Estas legendas foram desenvolvidas para estimular a devoção à Santíssima Virgem, apresentada como todo-poderosa protectora a quem os pecadores, inclusive os mais indignos, podiam invocar, com esperança e mesmo com a certeza de ser satisfeitos. Acaso não é a *Virgem Refugium peccatorum*?

Entre estes milagres da Virgem, há alguns que, na actualidade parecem pouco edificantes. Que ela suporte durante três dias os pés de um ladrão arrependido e suspenso na forca ou que salve uma mulher que se deixara surpreender por la preia-mar quando peregrinava ao monte Saint Michel parece muito legítimo. Mas assombra um tanto a sua mansidão em relação a uma monja que deixava o hábito a quem a substituíra no convento enquanto se ausentava, ou com uma prostituta que não trabalhava aos sábados, vendendo o seu corpo, para não profanar o dia consagrado à Virgem. Não menos surpreendente é a absolvição do Monge afogado, cuja alma a Virgem disputa ao demónio, apenas só porque aquele tinha o costume de encomendar-se a ela cada vez que atravessava um riacho a nado para se reunir com a sua amante e consumir o pecado de luxúria<sup>21</sup>.

#### 1. Milagres no Oriente

Os dois milagres mais populares da Virgem durante a Idade Média foram o Perdão de santa Maria Egípcíaca e do diácono Teófilo. São os que recorda François Villon na sua comovedora *Balada para rogar a Nossa Senhora*, que o poeta compôs para a sua mãe anciã.

*Pardonne moy comme à l'Egipcienne*

Perdoai-me, como à Egípcíaca

<sup>20</sup> O Seminário de Soissons compôs um exemplar iluminado dos *Miracles de la Sainte Vierge*, datado do século XIV, guardado na Biblioteca Nacional. As miniaturas são atribuídas a Jean Pucelle.

<sup>21</sup> «Acerca do ladrão pendente na forca que Nossa Senhora sustentou três dias» - A Virgem faz que uma mulher recupere o seu nariz comido por um lobo. - Curou um monge com o seu leite, dando-lhe de mamar. - O da monja que deixou a abadia para ir-se à vida mundana: é o milagre que serviu como tema a Maurice Maeterlinck na sua peça chamada Soror Beatriz.

*Ou comme il fist au clerc Theophilus,  
Lequel par vous fut quitte et absolus  
Combien qu'il eust au diable fait promesse.*

Ou como fizeste ao clérigo Teófilo,  
Por vós absolvido e livre  
Apesar de pacto com o diabo.

Trata-se de lendas nascidas no Oriente, tal como o milagre da mão cortada de S. João Damasceno.

### 1. A absolvição de Maria Egípcíaca

A cortesã de Alexandria que, por curiosidade viajara para Jerusalém, quis seguir a multidão na basílica, mas um poder invisível a deteve no umbral. Invocou, então, a Virgem, diante de uma imagem e prometeu arrepender-se. Após isso, perdoada pela Mãe de Deus, pôde entrar no templo e misturar-se com os fiéis.

### 2. O milagre de Teófilo

**It.:** Il Miracolo di Teofilo. **Fr.:** Le Miracle de Théophile. **Al.:** Die Rettung Theophilus. **Hol.:** Het Wonder van Theophilus.

O exemplo mais popular da sua benigna intercessão em favor de todos os pecadores que, apesar dos piores extravios, lhe são fieis, fora o Milagre de Teófilo ou, como se dizia, na Idade Média, o *Arrependimento de Teófilo*. Os pregadores nunca deixavam de citar este milagre da Virgem nos seus sermões. Teófilo era um diácono de Adana, na Cilícia que, para recuperar a condição *vice-dominus* que o seu bispo lhe retirara, firmou com o seu sangue um pacto com o diabo. Preso por remorsos, rogou à Virgem e ela conseguiu tirar a Satan o contracto firmado pelo ambicioso, frustrado e imprudente clérigo. Reconhece-se nesta história o tema do *Fausto* de Goethe.

Esta legenda apareceu no século VI, no relato em grego de Eutiquiano, clérigo da igreja de Adana. Mas, como tantas outras lendas hagiográficas, trata-se possivelmente de um plágio.

Na *Vida de S. Basílio de Cesareia*, menciona-se um contracto análogo fechado com o demónio por um tal Protério que, graças à **intervenção de S. Basílio**, obteve a restituição do contracto. Um hagiógrafo em busca de milagres da Virgem, simplesmente ter-lhe-ia atribuído, como milagre dela, um milagre de S. Basílio.

Nos ciclos narrativos detalhados, como no vitral da capela da Virgem na catedral de Auxerre, este pequeno drama edificante divide-se em três actos: a homenagem de Teófilo ao diabo, o arrependimento e o perdão. O *Liber Matutinalis* de Conrad de Scheiern divide-o em vinte e cinco miniaturas.

#### O clérigo Teófilo

### 1. Teófilo vende a sua alma ao diabo

**Fr.:** L'Hommage au diable. **Ingl.:** Theophilus selling his soul to the Devil. **Al.:** Theophilus verschreibt sich dem Teufel, Pakt des Theophilus mit dem Teufel. **Hol.:** Theophilus verkocht zijn ziel aan de duivel.

Ferido por ter caído em desgraça com o seu bispo, o diácono firma um pacto com o diabo, ao qual acede por intermédio de um mago judeu. Às vezes, para assinalar a sua traição, apresenta-se na mesa um peixe como o que Judas furta na Santa Ceia. A homenagem de Teófilo ao diabo está concebida segundo o tipo de *vassalagem* da época feudal: dobra o joelho, une as mãos e coloca-as, nas mãos do Soberano, declarando-se desse modo seu vassalo (Baixos-relevos de Souillac e de Notre Dame de Paris). Para caracterizar a escravidão a que fica reduzido a partir de então, um vitral da igreja de Grand Andely mostra Teófilo submetido pelo diabo com uma correia. Trata-se, possivelmente, como o supôs Émile Mâle<sup>22</sup>, de uma cena do Teatro dos Mistérios.

### 2. O arrependimento de Teófilo

**Fr. Arc.:** Si comme Théophile se repent. **Fr.:** La Repentance de Théophile. **Ingl.:** The Repentance of Theophilus.

Atormentado pelos remorsos, ajoelha-se diante da estátua da Virgem e suplica perdão. Ela promete-lhe arrancar das garras de Satanás o documento que Teófilo firmou com o seu sangue. Armada com a cruz, a Virgem tira ao diabo enfadado o pergaminho fatal, ameaçando-o, em caso de resistência, com «calcar-lhe a barriga».

### 3. O Perdão

**Fr. Arc.:** Comme Madame sainte Marie rapporte la charte. **Notre Dame lui rend la charte de perdition.** **Ingl.:** Satan surrendering the bond to the Virgin. **Al.:** Theophilus erhält durch die Hilfe Mariä den Pakt zurück. **Die hl. Jungfrau gibt dem Theophilus den mit dem Teufel abgeschlossenen Pakt zurück.** **Hol.:** Theophilus is gered door tussenkomst van de Maagd.

O bispo mostra ao povo a «carta Theophili», o contrato recuperado graças à intervenção da Virgem. Teófilo faz penitência: fixa-se-lhe a disciplina. No momento da sua morte, apesar dos demónios encarniçados com ele, um anjo leva a sua alma ao Paraíso. Tão indulgente como a Santíssima Virgem, a Igreja incluí-o no catálogo dos santos com o nome de *Teófilo, o Penitente*.

#### Catálogo

**Século XII:** Baixo-relevo do tímpano da antiga portada de Souillac (Lot), c. 1140. É a mais antiga representação, conhecida, deste tema. Teófilo coloca as suas mãos unidas entre as de Satan, reconhecendo-o assim como seu soberano. O diabo faz que consiga o cargo que ambiciona na Igreja. No alto, a Virgem aparece a Teófilo adormecido e entrega-lhe o documento que tinha firmado. // **Século XIII:** Baixo-relevo de Notre Dame de Paris<sup>23</sup>. O tema está tratado duas vezes: no tímpano da porta do claustro e num painel de pedra encastrado no muro norte da

<sup>22</sup> L'art religieux de la fin du Moyen-âge, pág 202

<sup>23</sup> É. Mâle, L'art religieux au XIIIe siècle en France, pag. 261

ábside. / Saltério de Ingeburg, c. 1210. Museu Condé, Chantilly. A legenda está dividida em quatro cenas: Teófilo se ajoelha diante do diabo, a seguir diante da Virgem que o perdoa. A Virgem tira o documento a Satanás e devolve-o a Teófilo adormecido. / Liber Matutinalis de Conrad de Scheyern. Biblioteca Munique. / Vitrais de Chartres, Laon, Beauvais, Le Mans, Auxerre, Saint Julien du Sault, Clermont Ferrand, Troyes e Lincoln. / Vitral procedente da antiga abadia de Gercy (Seine et Oise). Museu de Cluny. // **Século XIV:** Quadrifólio de uma portada lateral da fachada da catedral de Lyon, c. 1310. / Pinturas da igreja de S. Martinho de Laval. / Miniatura do Saltério da rainha Mary. Museu Britânico, Londres. / Jean Pucelle. Miniaturas dos Milagres de Nossa Senhora (Miracles Notre-Dame). B.N., Paris. // **Século XV:** Miniaturas (grisalhas) dos Milagres de Nossa Senhora, manuscrito iluminado c. 1456 em Haia, para o duque de Borgonha Filipe, o Bom. B.N., Paris. // **Século XVI:** Vitral de Montangon (Aube), 1530. / Vitral da catedral de Troyes pintado por Jean Soudain em 1546. Teófilo está de pé diante Satan que lhe toma as mãos. / Vitral da igreja de Grand Andely (Eure), 1540. O diabo, em forma de urso, guarda Teófilo, atado com uma correia. / Vitral de Louviers. Beaumont le Roger (Eure).

### 3. O milagre da mão cortada de S. João Damasceno

S. João Damasceno, que tinha defendido as imagens da Virgem no tempo do conflito com os iconoclastas, perdeu uma mão. Cheio de fé na onipotência da Virgem, se ajoelhou diante da sua imagem e apresentou-lhe o toco sangrento. De imediato, cresceu-lhe uma mão nova «como ramo de uma árvore». Esta legenda, muito popular na Igreja grega, foi escassamente ilustrada na arte do Ocidente. // **Século XVII:** Guido Reni. Fresco da capela Paulina na basílica de Santa Maria Maior, Roma. Não é a Virgem, mas um anjo que devolve a S. João Damasceno a sua mão amputada. / A esta lista de legendas etíopes publicadas por Wallis Budge<sup>24</sup>, podem juntar-se estas outras: a Virgem devolve a vista a um sacerdote cego esfregando os seus olhos, com gotas do seu leite e cura o bispo Mercúrio que estava leproso e fora declarado inapto para el sacerdotício.

## 2. Milagres no Ocidente

### A) Em Itália

#### 1. A Virgem do Socorro

**It.: Madonna dei Soccorso. Fr.: La vierge à la Massue, L'Enfant voué au diable.**

Se o milagre de Teófilo foi ilustrado sobretudo pela arte francesa, em contrapartida, o tema do Menino, consagrado ao diabo é próprio da região de Úmbria. Aí e nas Marcas se localizam todas as pinturas dos séculos XV e XVI sobre este motivo, que em Itália é conhecido com o nome de *Madonna dei Soccorso*.

Num estudo sobre a *Virgem de Misericórdia*, Perdrizet associa os dois temas que, na realidade são muito diferentes. A Virgem de Misericórdia, para cumprir a sua função protectora só emprega *armas defensivas*, se entendermos que o manto representa um escudo e defende os seus protegidos das flechas de Deus ou de Cristo vingador. Ao contrário, a Virgem da Úmbria empunha uma arma ofensiva, uma massa com que ameaça o diabo.

Além disso, a Virgem de Misericórdia deve considerar-se como um tipo iconográfico, enquanto a Virgem do Socorro é representada em acção. Na realidade, o tema pertence ao ciclo dos Milagres da Virgem, como o Milagre de Teófilo.

Segundo uma legenda popular que não deixou de ser local, uma mãe irritada contra seu filho que não deixava de berrar, gritou-lhe: Vai para o diabo! Satanás, que tomou as suas palavras à letra, tentou roubar o menino do berço. Angustizada, a mãe invocou a Virgem que discutiu o assunto com o diabo e demonstrou-lhe que essas palavras, a pobre mulher as pronunciou em momento de cólera e que não podiam considerar-se um compromisso, e ameaçando-o com uma massa, obrigou- a libertar o Menino que detinha. A analogia com o *Milagre de Teófilo* é evidente, não obstante, não haja aqui pacto firmado entre Satan e a mãe. Ezio Levi catalogou, na região da Úmbria, umas trinta pinturas que ilustram esta legenda. Procedem todas de conventos de agostinhos e, sem dúvida estão inspiradas nas *Sacre Rappresentazioni*<sup>25</sup>.

A dificuldade está em explicar o cacete que a Virgem empunha e que, às vezes, aparece substituído por um azorrague de duas correias<sup>26</sup> Qual a origem desta *Virgo claviculária*? Salomon Reinach, arguindo que a Virgem era, por vezes, qualificada de *chave do céu*, supôs que esta representação poderia ter nascido de uma confusão linguística entre *clavis* (chave) e *clava* (cacete). Perdrizet exclui esta hipótese e propõe um jogo alternativo de palavras entre *virga* (vara) e *Virgo* (Virgem): a vara teria sido dilatada, posta em superlativo por tendência dos italianos para exagerar. Deve admitir-se que estas tentativas de explicação são mais engenhosas que convincentes. E Ezio Levi talvez não se equivoque ao reprovar tanto uma como outra, mas, como não propõe nenhuma alternativa, o problema permanece sem solução.

**Século XV:** Gerino da Pistoia. Borgo San Sepolcro. / Escola de Úmbria. Pinacoteca de Montefalco. / Niccolò l'Alunno de Foligno. Galeria Colonna, Roma. O diabo intenta levar Menino nu do berço; sua mãe segura-o por um pé dirigindo uma ardente prece à Virgem que aparece numa nuvem e, armada com a massa (cacete), obriga o diabo a libertar a sua presa. // **Século XVI:** Giovanni da Monte Rubiano. A Virgem do Bom Socorro, 1506. Quadro procedente da colecção Campana, Museu Montpellier. A Virgem, que tem na mão um menino de peito assustado, com o seu bordão, põe o diabo, armado com um arpão de duplo garfo, em fuga.

<sup>24</sup> E. A. Wallis Budge, *The Miracles of the Blessed Virgin Mary*, Londres, 1900

<sup>25</sup> Ezio Levi, *I Miracoli della Vergine nell'Arte del Medio Evo*, Bolletino d'Arte, 1918.

<sup>26</sup> Igreja de Castelritaldi

Os mais atraentes milagres da Virgem, aconteceram em Itália, em Roma (neve, em pleno Verão sobre a colina do Esquilino) e a Translação da Casa da Virgem para Loreto.

## 2. O milagre de Nossa Senhora das Neves

**Lat.: S. Maria ad Nives. It.: La Madonna delle Nevi, Santa Maria della Neve. Fr.: Le Miracle de Sainte Marie aux Neiges. Port.: A Virgem das Neves. Ingl.: Our Lady of the Snow, St. Mary at Snows. Al.: Mariaschnee, Das Schneewunder.**

Esta legenda, que só remonta ao século XIII, foi ideada para glorificar a fundação da mais antiga igreja que Roma consagrou à Virgem: a basílica de *Santa Maria Maior*<sup>27</sup>.

Em pleno verão, na noite de 3 de Agosto de 352, a Virgem teria aparecido ao papa Libério e ao patrício João, e ordenara-lhes que lhe consagrassem uma igreja no lugar onde encontrassem neve recém-caída. No dia seguinte, o papa e o patrício descobriram, com espanto, uma parcela de terreno milagrosamente coberto por um manto de neve, sobre a colina do Esquilino. Sobre esse tapete branco, cujo contorno o próprio papa desenhou com uma enxada, foi edificada a basílica de Santa Maria das Neves.

Esse culto não se limitou a Roma. Graças à popularidade da peregrinação às sete basílicas de Roma, difundiu-se no resto de Itália e por toda a cristandade. Em Siena, cidade da Virgem, a Confraria da Neve colocou o seu oratório sob a advocação de *Santa Maria delle Nevi*. Em Espanha, Toledo e Sevilha dedicaram duas igrejas a *Santa Maria la Blanca*. Em Praga, em 1347, o imperador Carlos IV mandou edificar a igreja de Santa Maria das Neves. Na Alemanha, em pleno século XVI, foi consagrada a capela de *Mariaschnee* na colegiada de Aschaffenburg.

**Século XIV:** Mosaico de Santa Maria Maior, 1308. // **Século XV:** Masolino da Panicale. Dois painéis, pintados em 1421 para a capela Colonna na basílica romana de Santa Maria Maior. Pinacoteca Nápoles. / Estátuas de Notre Dame des Neiges, em Vernon (Normandia) e em Carpentras (condado Venaissin). / Mateo di Giovanni, 1477. Igreja da Madonna delle Nevi, Siena. À volta da Virgem há anjos que levam bolas de neve em bandejas ou nas mãos. // **Século XVI:** Mathias Nithart (Grünwald). Retábulo de Aschaffenburg pintado em 1519 para a capela de Santa Maria das Neves (Mariaschneekapelle) na colegiada de Aschaffenburg. O painel central que representa a Virgem foi reencontrado em Stuppach; o postigo direito, onde se representa o sonho do papa Libério e a fundação de Santa Maria Maior, pertence ao Museu de Friburgo. (Brigau, Suíça). / Jorge Afonso. A Virgem das Neves. Museu de Lisboa. // **Século XVII:** Murillo. Dois quadros pintados, em 1665, para a igreja de Santa Maria la Blanca de Sevilha. Museu do Prado. O primeiro representa o Sonho do Patrício: vê-se a Virgem a assinalar o lugar coberto de neve, onde se elevará a sua basílica. No segundo quadro, vê-se o patrício e sua mulher ajoelhados diante do papa Libério, contando-lhe o seu sonho. / Alessandro Turchi (L'Orbetto). Brera. Milão.

## 3. A traslação da casa da Virgem para Loreto

**Lat.: Translatio domus Lauretanae. It.: Il Trasporto della Santa Casa di Loreto. Fr.: La Translation de la Santa Casa à Lorette. Ingl.: The Translation of the Sacred House. Al.: Die Übertragung des Heiligen Hauses von Loreto.**

Esta legenda nasceu na segunda metade do século XV, em 1472. Foi concebida em benefício da peregrinação a Nossa Senhora de Loreto, muito popular nos séculos XVI e XVII.

O milagre ter-se-ia dado, em 1291, após a tomada de S. João de Acre pelos muçulmanos. Quando os cruzados foram expulsos da Terra Santa, em Nazaré apareceram anjos que transportaram a casa da Virgem por cima do Mediterrâneo, primeiro à costa Dálmata, a seguir a Loreto, na Marca de Ancona, onde existia uma antiga igreja românica.

Numerosas imagens piedosas representaram a Virgem sentada sobre o tecto de sua casa transportada pelos anjos, com o Menino Jesus nos braços. Forma aérea aparentada à *Fuga para o Egipto*.

**Século XVI:** Oficina dos Leprince. Vitral de Saint Étienne de Beauvais. / Soleira esculpida procedente de uma casa de Ruão. Museu de Cluny. Os peregrinos afluem aos arredores da casa, convertida em capela. // **Século XVIII:** Tiepolo. Cúpula da igreja dos Scalzi, em Veneza destruída por um avião austríaco em 1915.

## B) Aparições em Espanha

### Nossa Senhora do Pilar

**Fr.: La Vierge du Pilier á Saragosse. Ingl.: Our Lady of the Pillar, The Virgin upon the pillar appearing to Santiago. Al.: Unsere Liebe Frau von der Säule. Die Erscheinung der Jungfrau vor dem hl. Jakob in Saragoza.**

<sup>27</sup> Ao frade Bartolomeu de Trento (séc. XIII), se deve a notícia sobre a origem da basílica de Santa Maria Maior. Parece que pelo ano 352, na noite de 3 de Agosto, um certo João, homem piedoso e generoso e, além disso, muito rico, tornara-se benemérito da Igreja, mas não sabia o que escolher. Em sonho, apareceu-lhe a Virgem Maria, que lhe ordenou construir uma igreja no lugar onde encontrasse neve, pela manhã. Nessa mesma noite, a Virgem apareceu ao papa Libério e disse-lhe que, ao raiar do dia, subisse a colina do monte Esquilino e encontraria o local cheio de neve, onde deveria edificar uma igreja. Ambos, seguidos por uma multidão, por caminhos diferentes, se encontraram, com espanto, num terreno com neve, em Agosto. Com um bastão o papa traçou a área para erguer a igreja que o patrício construiu com o seu dinheiro. Nascia a basílica de Santa Maria das Neves. Com a construção da igreja da Santa Maria das Neves, o lugar tornou-se um pólo de peregrinação. Um século depois, para celebrar os resultados do Concílio de Éfeso, que proclamou a "maternidade divina da Virgem Maria", o Papa Sisto III (432-440), mandou construir uma igreja muito grande, no mesmo lugar, indicado pela Virgem Maria. Foi consagrada, em 432, com o nome de basílica de "Santa Maria Maior", pela importância que adquiriu. Também é conhecida como basílica de "Santa Maria do Presépio". Na basílica se encontram os primeiros e mais ricos mosaicos alusivos a Nossa Senhora e é, de fato, um dos maiores e mais belos santuários marianos de toda a cristandade. A festa litúrgica da "Dedicação" ocorre em 5 de Agosto.

A Espanha católica quis ter parte nos Milagres da Virgem. A Aparição de Nossa Senhora do Pilar em Saragoça relacionou-se com a lenda do apóstolo Santiago, patrono de Espanha. Ter-lhe-ia aparecido a Virgem no alto de uma coluna de mármore.

**Século XVII:** Poussin. La Virgen del Pilar, c. 1654. Louvre.

*A imposição da casula a santo Ildefonso de Toledo*<sup>28</sup>

A Virgem trouxe do Paraíso uma casula que entregou a Santo Ildefonso, arcebispo de Toledo.

### C) Aparições em França

Entre as Aparições da Virgem localizadas em França, há quatro particularmente populares: a Virgem dando o seu leite a S. Bernardo, o Milagre do monte Saint Michel, a devolução do Santo Cirio aos dois trovadores de Arras, e - no século XIX - a Aparição a Bernadette na gruta de Lourdes.

#### 1. A Virgem dando o leite a S. Bernardo

Fr.: *La Lactation de saint Bernard.*

A Virgem ama-de-leite, comprimindo o seio com que amamentara Jesus, lança algumas gotas do seu leite sobre los lábios de S. Bernardo de Claraval, seu fiel cavaleiro.

#### 2. O milagre do monte Saint-Michel

Uma mulher atravessando a baía, sendo surpreendida pela preia-mar, a ponto de perecer, com o seu filho, foi salva pela Virgem.

#### 3. O Santo Cirio de Arras

Quando uma epidemia de peste açoitava a região, a Virgem aparecera a dois trovadores de Arras e entregara-lhes um santo cirio que fez parar a calamidade. Conservado, primeiro, numa edícula em forma de cirio, edificada no século XIII, junto da Câmara, na *Petite Place* de Arras, esse relicário do Santo Cirio (Sainte Chandelle), decorado com incrustações que representam os trovadores ajoelhados diante da Virgem, foi logo transportado para uma igreja moderna consagrada a Notre Dame des Ardents (Nossa Senhora dos Aflitos).

#### 4. A Virgem de Lourdes

A Virgem apareceu numerosas vezes a uma pastorinha pirenaica. Com características da *Imaculada Conceição* de Murillo, que acabou por ser adquirida pelo Museu do Louvre, e que se tornara conhecida nas terras mais pequenas, através de gravados a cores<sup>29</sup>. A Virgem falou a Bernadette em dialecto gascão, para se fazer compreender melhor.

Mais tarde, em Fátima, Portugal, deu-se um milagre análogo, que criou um novo centro de peregrinação.

No dia 1 de Novembro de 1950, o papa Pio XII, pela Constituição apostólica, *Munificentissimus Deus*, definiu o Dogma (Verdade de Fé) da Assunção de Nossa Senhora, em Corpo e alma, ao Céu<sup>30</sup>.

## O culto da Virgem e Mãe de Deus

A devoção cristã a Maria começou muito cedo. As palavras de Jesus, na sua Paixão e morte na Cruz, dirigidas ao discípulo amado e à Sua Mãe, são emblemáticas. Podemos facilmente admitir que esta relação espiritual, com os discípulos de Jesus desse tempo, marcou os tempos vindouros e que Maria ocuparia, por vontade de Jesus, um lugar particular: «*eis a Tua Mãe*». Não espanta, como alguns dizem, que a devoção a Maria, por parte dos novos discípulos de Jesus, se manifestasse e que disso haja sinais nos começos do século II. Orígenes de Alexandria ou de Cesareia (182-253) refere-se a uma veneração da Mãe de Deus, com o título de *Theotokos*. E, como notam outros, que a mais antiga oração mariana seja o hino *sub tuum praesidium* (à vossa protecção), transcrita de um papiro achado no Egipto, em 1917, que se pode datar do séc. II. Além disso, deveremos referir-nos os vestígios arqueológicos das catacumbas. Uma das pinturas, em Sta Priscila, representa a Virgem, com o menino nos braços, e um profeta. As outras duas correspondem à Anunciação e Epifania. Estas representações serão, porventura, do séc. II (?) Nas catacumbas de S. tos Pedro e Marcelino, uma pintura admirável do séc. III ou IV representa Maria entre os santos Pedro e Paulo, em que configurada como orante. O Primeiro Concílio de Éfeso em 431 foi realizado numa igreja dedicada a Maria, cerca de cem anos antes. Após o Édito de Milão em 313, imagens artísticas de Maria começaram a aparecer em maior número em grandes igrejas a ela dedicadas, como, por exemplo, a Basílica de Santa Maria Maior, em Roma.

### Maria é um elemento essencial na vida cristã.

Quando, há quatro anos, em pleno rumorejar da mais funesta guerra que viu a história, convosco pela primeira vez subimos, em espírito a esse monte santo, para convosco agradecermos à Virgem Senhora de Fátima os benefícios imensos, com que recentemente vos tinha agraciado, ao comum *Magnificat*, juntávamos o grito de filial confiança, para que a Imaculada Rainha e Padroeira de Portugal completasse o que tão maravilhosamente tinha

<sup>28</sup> As Aparições da Virgem a Santo Ildefonso, a S. Bernardo, S. Domingos e S. Simão Stock, são abordadas no volume da iconografia de los santos.

<sup>29</sup> Salomon Reinach, *Mythes et Religions*, IV

<sup>30</sup> Pelo que, depois de termos dirigido a Deus repetidas súplicas, e de termos invocado a paz do Espírito de verdade, para glória de Deus omnipotente que à virgem Maria concedeu a sua especial benevolência, para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e triunfador do pecado e da morte, para aumento da glória da sua augusta mãe, e para gozo e júbilo de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos S. Pedro e S. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos, ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste (Pio XII, Mun. Deus, nº 44)

começado. A vossa presença hoje neste Santuário, em multidão tão imensa que ninguém pode contar, atesta que a Virgem Senhora, a Imaculada Rainha, cujo Coração materno e compassivo, fez o prodígio da Fátima, ouviu superabundantemente as nossas súplicas. O amor ardente e reconhecido vos trouxe: e vós quisestes dar-lhe uma expressão sensível condensando-o e simbolizando-o naquela coroa preciosa, fruto de tantas generosidades e tantos sacrifícios, com que, por mão do Nosso Cardeal Legado, acabamos de coroar a Imagem taumaturga.

Símbolo expressivo, que, se aos olhos da celeste Rainha atesta o vosso filial amor e gratidão, primeiro vos recorda o amor imenso, expresso em benefícios sem conta, que a Virgem Mãe tem irradiado sobre a sua «Terra de Sta. Maria». Oito séculos de benefícios! Os cinco primeiros sob o sinal de Sta. Maria de Alcobaça, de Sta. Maria da Vitória, de Sta. Maria de Belém, nas lutas épicas contra o Crescente, pela constituição da nacionalidade, em todos os heroísmos aventureiros dos descobrimentos de novas ilhas e novos continentes, por onde vossos maiores andaram plantando com as Quinas a Cruz de Cristo. Nestes três últimos séculos, sob a especial protecção da Imaculada, a quem o Monarca restaurador, com toda a Nação, reunida em Cortes, aclamou Padroeira de seus Reinos e Senhorios, consagrando-lhe a coroa, com especial tributo de vassalagem e com juramento de defender, até dar a vida, pelo privilégio de sua Conceição Imaculada. E, esperando, com grande confiança na infinita misericórdia de Nosso Senhor, que por meio desta Senhora, Padroeira e Protectora de «nossos Reinos e Senhorios, de quem por honra nossa nos confessamos e reconhecemos vassalal e tributários, nos ampare e defenda de nossos inimigos, com grandes acréscimos destes Reinos, para a glória de Cristo nosso Deus e exaltação de nossa Santa Fé Católica Romana, conversão dos Gentios e redução dos Hereges»<sup>31</sup>.

E a Virgem fidelíssima não confundiu a esperança que n' Ela se depositava. Basta reflectir nestes três últimos decénios, pelas crises atravessadas e pelos benefícios recebidos equivalentes a séculos; basta abrir os olhos e ver esta Cova da Iria transformada em fonte manancial de graças soberanas, de prodígios físicos e muitos mais de milagres morais que as torrentes que daqui se derramam sobre todo Portugal, e de lá, rompendo pelas fronteiras, se vão espriando por toda a Igreja e por todo o mundo.

Como não agradecer? Ou antes, como agradecer condignamente? Há trezentos anos o Monarca da restauração, em sinal do amor e reconhecimento seu e do seu povo, depôs a coroa real aos pés da Imaculada, proclamada Rainha e Padroeira. Hoje, todos vós, todo o povo da Terra de Santa Maria, com os Pastores de suas almas, com o seu Governo, às preces ardentes, aos sacrifícios generosos, às solenidades eucarísticas, às mil homenagens que vos ditou o amor filial e reconhecido, juntastes aquela preciosa coroa e com ela cingistes a fronte de Nossa Senhora da Fátima, aqui neste oásis bendito, impregnado de sobrenatural, onde mais sensível se experimenta o seu prodigioso patrocínio, onde todos sentis mais perto o seu Coração Imaculado a pulsar de imensa ternura e solicitude materna por vós e pelo mundo. Coroa preciosa, símbolo expressivo de amor e gratidão!

Senão que o vosso mesmo concurso imenso, o fervor das vossas preces, o troar das vossas aclamações, todo o santo entusiasmo que em vós vibra incoercível, e, depois, o sagrado rito, que se acaba de realizar nesta hora de incomparável triunfo da Mãe santíssima, evocam ao Nosso espírito outras multidões bem mais inumeráveis, outras aclamações bem mais ardentes, outros triunfos bem mais divinos, outra hora — eternamente solene — no dia sem ocaço da eternidade: quando a Virgem gloriosa, entrando triunfante na pátria celeste, foi através das hierarquias bem-aventuradas e dos coros angélicos sublimada até ao trono da Trindade beatíssima, que, cingindo-lhe a fronte de um tríptico diadema de glória, a apresentou à Corte celeste, sentada à direita do Rei imortal dos séculos e coroada Rainha do universo.

**(Anúncio radiofónico do Papa Pio XII, na Coroação de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Fátima, 13 de Maio de 1946)**

É indiscreto o culto e a devoção à Virgem Maria, Mãe de Deus, em Portugal. O Pe. Jacinto dos Reis, em 1967, coligiu 972 títulos ou invocações marianas em igrejas, altares e imagens. O Pe. Doutor Geraldo Coelho Dias fez, em tempos, uma dissertação sobre o tema da devoção moderna e contemporânea desta devoção popular e concluiu: Nos séculos XIX-XX, com razão, Portugal pode ufanar-se de ser um «Santuário Mariano», verdadeira «Terra de Santa Maria».

Coração de Maria,  
Imaculado Coração de Maria,  
Imaculada Conceição,  
Santa Maria de Alcobaça,  
Santa Maria de Belém,  
Senhora Auxiliadora,  
Senhora da Abadia,  
Senhora da Agonia,  
Senhora da Aguda,  
Senhora da Ajuda,  
Senhora da Aldeia,  
Senhora da Alegria,  
Senhora da Anunciação,  
Senhora da Aparecida,  
Senhora da Apresentação,  
Senhora da Arrábida,

Senhora da Peneda,  
Senhora da Penha de França,  
Senhora da Penha,  
Senhora da Piedade (Mãe Soberana),  
Senhora da Piedade,  
Senhora da Póvoa,  
Senhora da Purificação,  
Senhora da Ribeira,  
Senhora da Rocha,  
Senhora da Rosa,  
Senhora da Saúde,  
Senhora da Seca,  
Senhora da Serra,  
Senhora da Silva,  
Senhora da Soledade,  
Senhora da Tocha,

Senhora de Vandoma,  
Senhora de Vila Viçosa,  
Senhora do Alívio,  
Senhora do Almurtão,  
Senhora do Amor Admirável,  
Senhora do Amparo,  
Senhora do Antime,  
Senhora do Bom Despacho,  
Senhora do Bom Sucesso,  
Senhora do Cabo,  
Senhora do Calvário,  
Senhora do Caminho,  
Senhora do Campo,  
Senhora do Cardal,  
Senhora do Carmo,  
Senhora do Castanheiro,

<sup>31</sup> *Auto da aclamação de N. Senhora da Conceição como Padroeira de Portugal pelas Cortes de Lisboa, em 1646*

Senhora da Assunção,  
Senhora da Atalaia,  
Senhora da Azenha,  
Senhora da Azinheira,  
Senhora da Begonha,  
Senhora da Boa Morte,  
Senhora da Boa Nova (referida nas  
Cantigas de Santa Maria),  
Senhora da Boa Sorte,  
Senhora da Boa Viagem,  
Senhora da Boa Viagem,  
Senhora da Boavista,  
Senhora da Bonança,  
Senhora da Cabeça,  
Senhora da Conceição,  
Senhora da Consolação,  
Senhora da Cunha,  
Senhora da Encarnação,  
Senhora da Estrela,  
Senhora da Expectação,  
Senhora da Fé,  
Senhora da Flor da Rosa,  
Senhora da Fortuna,  
Senhora da Franqueira,  
Senhora da Graça,  
Senhora da Guia,  
Senhora da Hora,  
Senhora da Lapa,  
Senhora da Lapinha,  
Senhora da Livração,  
Senhora da Luz,  
Senhora da Merceana,  
Senhora da Mó,  
Senhora da Natividade,  
Senhora da Nazaré,  
Senhora da Oliveira,  
Senhora da Ouvida,  
Senhora da Paz,

Senhora da Veiga,  
Senhora da Vinha,  
Senhora da Visitação,  
Senhora da Vista,  
Senhora da Vitória,  
Senhora das Alcáçovas,  
Senhora das Angústias,  
Senhora das Areias,  
Senhora das Brotas,  
Senhora das Candeias,  
Senhora das Dores,  
Senhora das Eiras,  
Senhora das Ervas,  
Senhora das Graças,  
Senhora das Mercês,  
Senhora das Necessidades,  
Senhora das Neves,  
Senhora das Ondas,  
Senhora das Preces,  
Senhora das Relíquias,  
Senhora das Rosas,  
Senhora das Salvas,  
Senhora das Virtudes,  
Senhora das Vitórias,  
Senhora de Aires,  
Senhora de Araceli,  
Senhora de Balsamão,  
Senhora de Campanhã  
Senhora de Cárquere,  
Senhora de Fátima,  
Senhora de Guadalupe,  
Senhora de La Salette,  
Senhora de Lurdes,  
Senhora de Mércules,  
Senhora de Monserrate,  
Senhora de Rocamadour,  
Senhora de Tróia,  
Senhora de Vagos,

Senhora do Castelinho,  
Senhora do Castelo,  
Senhora do Castro,  
Senhora do Desterro,  
Senhora do Fetal,  
Senhora do Incenso,  
Senhora do Leite,  
Senhora do Livramento,  
Senhora do Minho,  
Senhora do Monte Alto,  
Senhora do Monte,  
Senhora do Nazo,  
Senhora do Ó,  
Senhora do Parto,  
Senhora do Patrocínio,  
Senhora do Pé da Cruz,  
Senhora do Perpétuo Socorro,  
Senhora do Pilar,  
Senhora do Porto d'Ave,  
Senhora do Pranto,  
Senhora do Rosário de Fátima,  
Senhora do Rosário,  
Senhora do Salto,  
Senhora do Sameiro,  
Senhora do Socorro,  
Senhora do Viso,  
Senhora Dolorosa,  
Senhora dos Aflitos,  
Senhora dos Alpendres,  
Senhora dos Anjos,  
Senhora dos Apóstolos,  
Senhora dos Caminhos,  
Senhora dos Chãos,  
Senhora dos Milagres,  
Senhora dos Montes Ermos,  
Senhora dos Prazeres,  
Senhora dos Remédios,  
Senhora, Rainha dos Corações.

Na diocese do Porto, são 73 paróquias que estão dedicadas a Nossa Senhora, com os seguintes títulos: Coração de Maria, Nossa Senhora (3), Nossa Senhora da Ajuda (2), Nossa Senhora da Assunção (8), Nossa Senhora da Boavista, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Expectação (2), Nossa Senhora da Natividade (3), Nossa Senhora da Purificação, Nossa Senhora da Visitação, Nossa Senhora da Vitória, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora de Campanhã, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Bom Despacho, Nossa Senhora do Ó (4), Nossa Senhora do Porto, Santa Maria (33), Santa Maria Maior (3), Senhora da Conceição, Senhora da Hora (2), Senhora do Amparo.

No Brasil e na América latina é muito forte a devoção a Maria. Há duas fontes generativas: a devoção à Senhora do Rosário e à Senhora da Conceição, que, a partir de 1717, vai originar a tradição da devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida. A tradição de Nossa Senhora Aparecida representa, no Brasil, o mesmo que a tradição latino-americana de Nossa Senhora de Guadalupe, largamente difundida no Brasil, entre 1580 e 1640, no período da união das coroas espanhola e portuguesa. E estas tradições da Senhora de Guadalupe e, no Brasil, da Senhora Aparecida, significam a aliança de Maria com os pobres e oprimidos, ou seja, os índios e os negros escravos do Brasil, pois que, no Brasil a Senhora Aparecida tem imagem morena, na cor da imensa maioria do povo. E, a partir disso, a figura de Maria representa a presença materna e constante entre povo, até ser coroada rainha do Brasil, em 8 de Setembro de 1904 e declarada sua padroeira em 31 de Maio de 1931 pelo povo, um milhão de fiéis, autoridades civis, militares e eclesiásticas, na capital federal de então, o Rio de Janeiro. Pode dizer-se que uma das marcas do catolicismo brasileiro é sua devoção Mariana que sempre esteve presente. Não é errado afirmar que no Brasil Jesus veio pelas mãos de Maria. E para compreendermos o papel de Maria deveremos ir através de Jesus, pois é Ele que confere sentido e grandeza a Maria, sua mãe e discípula (Pedro Carlos Cipolini, in *A Devoção Mariana no Brasil*).

Louis Réau, *Iconografia del arte cristiano*, Tomo 1, vol. 2, pág. 637-656, Ed. Del Serbal, Barcelona, 2000  
Pedro Ribadeneira, *Flos Sanctorum*, T II (p. 481-490)

